





Meu Amigo William

César Costa

4ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

2018



COPYRIGHT © 2018 BY CÉSAR COSTA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
[HTTP://WWW.CESARCOSTA.COM.BR](http://www.cesarcosta.com.br)

EDIÇÃO
CÉSAR COSTA

CAPA, REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO
CÉSAR COSTA

C834m Costa, César Rodrigo Mendonça da

Meu Amigo William / César Rodrigo Mendonça da Costa.
- 4.ed. -- Rio de Janeiro : CM Books, 2018.

124 p. ; 14x21 cm

1. Literatura Brasileira; 2. Biografia; 3. Biografia
Brasileira. I. Título.

CDD B869
CDU 82-3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance brasileiro

2018
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

Dedicatória

Ao meu querido amigo e irmão, William Schorcht,
inspiração desta obra. Que sua luz continue
brilhando entre os homens e as gerações.

— César Costa

Sobre o Autor

César Rodrigo Mendonça da Costa nasceu em 14 de Dezembro de 1980, na cidade de Resende-RJ, onde vive atualmente com a esposa e seus dois filhos. Bacharel em Sistemas de Informação, flerta com a escrita desde a adolescência, compondo músicas, escrevendo contos, poemas e outras histórias que vão da fantasia ao romance policial. Vencedor do Concurso de Novelas Históricas/ Bahia-2012, com o livro “2 de Julho - Uma História de Liberdade”, além desse, é também autor dos livros “O Guerreiro de Aukazland”, “O Sequestro”, “Lado A e Lado B - Retalhos de Uma História de Amor”, “Drazaon e Outras Histórias” e “Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes”. Participa das coletâneas: “Em Contos de Amor”, com o conto “Face a Face” Com o Amor, “A Morte do Outro Lado da Luneta”, com o conto “A Emboscada”, “Do Céu ao Inferno”, com o conto “O Filho da Serpente” e “Os Matadores Mais Cruéis Que Conheci”, com o conto “A Testemunha”.

Além do prêmio de Novelas Históricas, recebeu o prêmio Macedo Miranda/2013 como destaque na área de literatura.

Sumário

Introdução.....	9
Meu Amigo William.....	11
Dias de Luta, Dias de Escola.....	21
Saídas da Escola.....	41
Andanças pela Vida.....	47
Humor Sarcástico.....	55
Zoeira Nossa de Cada Dia.....	59
Nem Tudo Era Zoeira.....	75
Igreja.....	83
E A Vida Nos Atropelou.....	91
Um Breve Adeus.....	105
Apêndice 1	115
Apêndice 2	119





Introdução

Com este registro não tenho a pretensão de elaborar uma biografia de meu amigo, revelando todos os detalhes de sua vida, suas derrotas e conquistas. Para escrevê-lo, consultei apenas minhas memórias que, certamente, continuarão surgindo ao longo dos anos. Este é, portanto, um trabalho em constante progresso. Meu único objetivo com esta homenagem é falar sobre a pessoa que conheci e com a qual tive a oportunidade de conviver por alguns anos, meu amigo William, ou como eu sempre o chamava, *Lemão*.

Se você for um parente, colega de trabalho ou amigo, provavelmente terá conhecido uma versão diferente dele. Talvez o enxergue como o filho, o primo, o irmão, o marido ou o Capitão Schorcht. Para mim, era esse cara que será apresentado nas próximas linhas, meu melhor amigo, um irmão que a vida me deu, ainda que ela não tenha nos proporcionado muitos anos de convivência, o que em nada atrapalhou nossa amizade.

Quem sabe, ao terminar estas singelas linhas, o leitor imagine que estou inventando algo. Talvez o sujeito aqui descrito em nada se pareça com a pessoa com a qual você conviveu ou ainda ele seja apenas um desconhecido e este livro chegou até suas mãos por alguma obra do acaso. Não tenho como prever. A única coisa que posso fazer é afirmar a veracidade de meu relato e garantir que cada um desses

fatos fez parte da nossa história, fortalecendo nossa amizade desde o primeiro dia em que nos esbarramos.

Diz a música: “Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito”. Resolvi, no entanto, guardá-lo nestas páginas antes que eu me vá ou que minha mente esteja tão deteriorada a ponto de não mais lembrar, fazendo com que essas histórias sejam perdidas para sempre e o amigo que tive deixe de ser conhecido.

Disponibilizei a primeira versão desta obra na *Internet* apenas treze dias após seu falecimento. Durante dois dias escrevi, em meio às lágrimas, todos os momentos dos quais pude recordar, totalizando cerca de vinte e quatro horas de um trabalho que, se por um lado foi muito doloroso, por outro me fez sorrir em meio ao luto e à dor da perda tão recente. Nesta quarta edição busco resgatar outras histórias e destrinchar um pouco mais sobre tudo que já foi contado.

Esta é minha humilde homenagem a esse sujeito que teve tão pouco tempo de vida nesta Terra, mas que fez grande diferença e marcou aqueles que o conheceram a ponto de não permitir que nos esqueçamos jamais.



Meu Amigo William

O que nos torna amigos de alguém? Às vezes fico me questionando sobre isso. Lendo e relendo inúmeras vezes esta obra (pois acreditem, ela foi escrita mais para mim do que para vocês) acho que ainda não sou capaz de encontrar essa resposta. Conhecemos pessoas todos os dias, com umas nos entendemos melhor, com outras nem tanto. Alguns tornam-se amigos instantâneos, mas se algo nos separa, logo perdemos o contato, nos afastamos e, embora continuemos nos tratando como camaradas, na verdade, não passamos mais de meros conhecidos.

Não quero divagar muito sobre o assunto, mas o fato é que a vida nos manteve separados pela maior parte de nossa existência, porém, nada disso foi capaz de esfriar o sentimento de amizade e irmandade que existia entre nós. Não tem melhor coisa nesta vida do que receber de alguém a mesma consideração que se lhe dá. Isso é algo raro e especial que nem a ausência nem o tempo conseguem apagar.

Dito isso, não me venham com perguntas difíceis como, por exemplo, qual era o dia do seu aniversário ou em que ano ele nasceu. Quando foi que se mudou para Resende, então? Não faço a mínima ideia. Nós dois tínhamos uma amizade, não um compromisso. Eu não tinha que lhe enviar presentes ou cantar parabéns à meia noite no seu aniversário, nada disso. E a recíproca era verdadeira. Acho

que a única vez em que ele me parabenizou aconteceu ao me ligar para tratar sobre um assunto qualquer.

– Fala, parceiro!

– Fala, *Lemão!*

– Irmão, eu queria te perguntar uma parada... – Falamos brevemente sobre o que quer que o tivesse motivado a me ligar. Não me lembro do assunto, mas isso também não é importante.

– Caraca, por um segundo me iludi. Achei que tivesse telefonado para me dar os parabéns. – Falei, após encerrarmos o assunto inicial.

– Pô, hoje é seu aniversário? – Ele pareceu bastante surpreso.

– É sim.

– E você achou que eu ia cometer a viadagem de te ligar só para te dar parabéns? – Sua gargalhada típica soou ao telefone.

– Claro que não! – Respondi sinceramente.

– Bom, enfim, parabéns aí, parceiro.

– Obrigado.

Foi assim, num ano qualquer perdido entre tantas datas que recebi minha única ligação de parabéns do William. Porém, ele não precisava se sentir mal por isso visto que eu mesmo nunca telefonei e lhe congratulei. Pelo menos não que eu me lembre. Bom, talvez uma ou duas vezes.

Para não deixar o leitor totalmente sem informações, sou capaz de informar que sua família veio de São José dos Campos. Ele nasceu lá? Não sei, me desculpe. Posso entre-

tanto afirmar que, durante algum tempo, sua família morou em Niterói-RJ, pois lá nasceu o seu profundo ódio pelo funk. “Era aquela porcaria tocando dia e noite nos bailes dos morros. Insuportável!” – Dizia. Sei que moravam em Resende há algum tempo antes de nos conhecermos, história que relatarei a partir de agora.

Estávamos no final do ano de 1996, não me recordo exatamente em qual mês e, até então, jamais ouvira falar de um tal de William de Freitas Schorcht. Ambos estudávamos no Colégio Estadual Pedro Braile Neto, em Resende-RJ e, embora cursássemos a mesma série, não estudávamos na mesma sala. Era comum que algumas turmas fossem reunidas para as aulas de educação física, porém, por alguma razão que desconheço, nunca foi o nosso caso. Portanto, até aquele dia, nunca havíamos nos esbarrado nem conversado. Nosso contato era, absolutamente, zero.

Porém, isso mudaria num domingo, em um lugar bem próximo à escola, na verdade. Ali, nos esbarramos pela primeira vez. Eu estava na Igreja para mais uma reunião quando aquele rapaz meio envergonhado e cabisbaixo passou pelo corredor. Os outros rapazes e eu aguardávamos o início das aulas quando os missionários se aproximaram e nos apresentaram aquele visitante.

Todos usávamos camisas brancas, gravatas, calças sociais e sapatos enquanto ele trajava uma camisa de rock com uma frase aleatória em inglês escrita com erros de ortografia, calças jeans e um tênis. Qualquer um sentir-se-ia completamente deslocado, mas não o William, que não se

incomodava com essas coisas. Ele estava tímido, não pela situação ou pelo constrangimento da diferença de vestuário, mas porque esse era seu *jeitão* por natureza. Pelo menos até conhecer as pessoas e se sentir mais à vontade perto delas quando, então, se transformava. Talvez alguns estranhem a personalidade zoeira que transparecerá nesta obra, pois sei que ele podia ser muito fechado na maior parte do tempo. Se nunca conheceu essa faceta do William, certamente vocês se encontraram ou conviveram em situações que não o deixaram muito confortável para se *abrir*.

– Qual teu nome? – Perguntamos.

– William.

– Quantos anos você tem?

– Dezessete.

– Ah, então pode vir com a gente para a classe dos rapazes. É por aqui. – Procuramos ser o mais acolhedores possível.

Conversamos bastante nos intervalos e ao término da reunião. Não apenas nós dois, pois havia também os outros rapazes. Ao longo do bate-papo, descobrimos que estudávamos na mesma escola. Achamos engraçado e, ao mesmo tempo, estranho esse fato, pois estando na mesma série, não nos conhecíamos. Como isso era possível? Nunca ficou claro o motivo, pois, embora o William tivesse a personalidade que relatei, eu sempre fui muito cara de pau, me enfiava no meio de todos os grupos e falava com gente de todas as turmas e séries. Poderia até não ser tão estranho o fato de nunca termos nos falado, mas sequer tê-lo visto

era algo bastante intrigante. Contudo, esse era apenas um detalhe no qual não nos detivemos. Descobrimos também uma paixão em comum: O jogo de cartas Magic.

O Orlando, dentre os rapazes presentes naquele domingo, era o mais viciado em jogos de RPG e ficou empolgado para ver a coleção de cartas do visitante. Combinamos então em fazer uma visita ao William para jogarmos um pouco. Naquela época, ele morava na Vila Julieta, não me pergunte o endereço. Eu sabia chegar lá, o nome da rua não era importante.

Mais cedo naquela semana, acompanhei os missionários em uma visita à família Schorcht. Não me lembro dos assuntos discutidos naquele dia, mas tenho gravada na mente a cena da primeira vez em que estive em sua casa. Chegamos, batemos palmas e o senhor Luiz nos atendeu. Entramos e nos sentamos. Eu e um dos missionários em um sofá de dois lugares, o outro Elder e o Luiz em um sofá de um lugar cada e o William permaneceu sentado no chão, de bermuda e pés descalços, cutucando um ventilador velho com uma chave de fenda. Se não me engano, ele sequer se levantou para nos cumprimentar. Esse era o William, um verdadeiro *gentleman*.

Os missionário deram uma palestra, confirmei nosso compromisso para dali alguns dias e partimos. Na data combinada, encontrei o Orlando na rua principal do Manejo e caminhamos até a casa do William. Parecia uma distância infinita, mas por fim chegamos. Foi um dia muito divertido. O Orlando também levou seu *deck*, vimos as car-

tas uns dos outros e jogamos uma partidinha. Conversamos bastante, rimos muito, zoamos um bocado, foi como se nos conhecêssemos há bastante tempo. Não sei quanto aos demais, mas pelo menos comigo o William desenvolveu uma amizade instantânea. Essas partidas de Magic se repetiriam apenas por umas poucas vezes, até porque, se não me engano, o Orlando não voltou mais para jogar e ele era, definitivamente, o mais interessado no assunto.

A partir desse dia, não nos separamos mais. Nessa época, nos encontrávamos aos domingos nas reuniões, às quartas no futebol e também em outros dias quando nos visitávamos. Como não trabalhávamos e estávamos em férias escolares, nos sobrava tempo para ficarmos só zoando. Não tardou muito para que ele e seu pai fossem batizados na Igreja. Isso aconteceu no início de 1997. Outro fator que colaborou muito para o fortalecimento de nossa amizade e para o surgimento de muitas de nossas histórias foi a sorte, pois todos os anos a coordenação do colégio formava as novas turmas de modo aleatório, mesclando os alunos do ano anterior. Assim, quis o destino que ficássemos na mesma sala. Aí sim, mesmo que nos odiássemos, nossa convivência seria forçada a qualquer custo. Nossa rotina tornou-se a seguinte:

Segunda a sábado: Nos encontrávamos no colégio pela manhã (sim, tínhamos aulas aos sábados).

Terça a sexta: No final da tarde, assistíamos as aulas do seminário (um curso da Igreja para os jovens) e não era incomum fazermos o trajeto da ida e da volta juntos.

Quartas ou Quintas: Futebol na capela.

Domingo: Reuniões da Igreja pela manhã.

Porém, esses momentos *burocráticos* não representavam a maior parte do tempo que despendíamos juntos. Fora tudo isso, nos encontrávamos praticamente todas as tardes. Por não ter muito que fazer, eu costumava ir até sua casa *encher o saco*, ouvir músicas, às vezes fingir que estudávamos, conversar e zoar bastante. Toda essa convivência nos rendeu uma história rápida e até boba, que nos fazia rir muito quando a recordávamos.

Certa tarde, enquanto caminhávamos pelas ruas de seu bairro (provavelmente voltando da mercearia), já próximos à sua casa, avistamos a dupla de missionários da nossa Ala. Cumprimentamos os rapazes e, de repente, um deles resolveu soltar a piadinha.

– Olha, vocês dois estão sempre muito juntinhos... Não sei não, hein! – Os dois riram.

Prontamente respondi, quase sem dar intervalo:

– Não se preocupem, Elderes, que mesmo assim nós ainda não passamos vinte e quatro horas um com o outro! – Referi-me ao fato de que os missionários da dupla devem estar sempre juntos.

Os dois se entreolharam e ficaram completamente sem reação. Nós gargalhamos feito dois retardados enquanto seguíamos nosso caminho. Sim, eu sei, a história não é tão engraçada assim, mas o modo como aconteceu, o *timing* da minha resposta de bate-pronto e toda a cena em si, nos fazia recordar dessa história constantemente.

Um dia ele me contou, rindo demais, que encontrara um dos rapazes em São Paulo, anos após o término de sua missão. Eles recordaram a história e o ex-missionário disse que eu era muito sacana e que ele nunca esquecia desse dia. Nem sei como o William reconheceu o sujeito, pois eu mesmo não me recordo do nome e nem mesmo das feições daqueles rapazes.

Boa parte das nossas brincadeiras e piadas internas surgiam naturalmente. Um exemplo disso era uma expressão que sempre utilizávamos; o famoso *mmmmmmmmmmmmmmmaneirasso*, falado assim mesmo, segurando-se o “M” pelo máximo de tempo que tivéssemos fôlego e saco. Não sei dizer em que momento da história isso surgiu, mas o fato é que nunca falaríamos simplesmente assim:

– Aquilo foi maneiro, ou aquilo foi maneirasso...

Sempre falaríamos:

– Aquilo foi *mmmmmmmmmmmmmmmaneirasso*.

De fato não me recordo sequer de quem foi o criador dessa expressão, embora tenha quase certeza de que foi o William, mas sei que seria assim ao longo dos anos. Então, sempre que a palavra *maneirasso* for usada neste livro, saibam que ela foi proferida da maneira explanada acima.

Nós nos dávamos tão bem que parecia que tínhamos sido criados juntos desde o berço, tanto que eu costumava dizer que minha mãe me dera um irmão, mas que a vida me dera outro. O título deste tópico é Meu Amigo William, mas não estaria incorreto se fosse: Meu irmão William. Isso

se explicita em outra de minhas frases mais corriqueiras: “Mais vale um amigo do que dois parentes”, pois um amigo você escolhe e os parentes estão lá, independente da sua vontade, você gostando ou não deles. E esse meu amigo valia por muitos parentes...

Com o passar do tempo, tornou-se um tanto óbvio que o William não era muito chegado ao relógio (vou elaborar sobre isso mais tarde). Sempre fui pontual e espero com ansiedade que os outros também cumpram os horários. Então, após os primeiros atrasos para nossos compromissos, surgiu mais uma de nossas zoeiras mais constantes.

– Que horas é para eu chegar, então? – Ele perguntou um dia.

– Sei lá, pode ser às sete! – Respondi.

– Tá beleza!

– Não, não, espera aí... Acho melhor você vir às três! – Falei sério.

– Às três? Por que tão cedo? – Ele se assustou.

– Ah, cara, porque com você é assim... Se eu marcar às sete, você vai chegar às nove então é melhor marcar às três que assim, quem sabe, talvez, você chegue às sete.

Não preciso nem falar que ele soltou uma das suas risadas escandalosas e desproporcionais. Dali em diante, toda vez que combinássemos alguma coisa eu diria algo do tipo:

– Às sete então... Não, não, espera... Ao meio-dia... Ou melhor, às três da manhã. – Sempre exagerando mais e mais na antecedência do horário.

Com o William era sempre assim, ou ele inventava uma nova zoeira a cada dia ou as coisas que fazia inspiravam o surgimento de outra. O cara era uma figura.

O último detalhe que gostaria de tratar neste tópico, diz respeito à belíssima caligrafia do meu amigo. Desde a primeira vez que vi sua letra, notei sua habilidade com a caneta.

— Que letra horrível, cara, conheço crianças que escrevem melhor do que você! — Comentei e ri muitas vezes.

Ele gargalhava e não se incomodava nem um pouco, tanto que nunca se preocupou em aprimorá-la, mas realmente sua letra era uma coisa bizarra.

— Herança de família! — Ele dizia.

Eu costumava falar que o A maiúsculo dele parecia um Ohm (símbolo da física) em pé.



Dias de Luta, Dias de Escola

Na escola fazemos muitos amigos, ou melhor, colecionamos muitos colegas. Digo colegas porque, normalmente, nos vemos todos os dias úteis, convivemos, brincamos, discutimos, colamos uns dos outros nas provas e tudo mais que as crianças fazem, mas chegando as férias, parecemos morar em universos distintos, pois sequer nos contactamos. Bom, nos anos noventa pelo menos era assim. Hoje com a tecnologia as coisas mudaram um pouco, tanto para melhor, quanto para pior. O fato é que, com o William, isso não aconteceu dessa forma, nossa amizade ia muito além dos muros da escola, mas naquele lugar muitas recordações foram criadas.

Estudamos juntos por apenas um ano, mas como esse período rendeu. Foram tantas situações vividas, tantas loucuras aprontadas que se torna quase impossível que eu me recorde de tudo. Relatarei, pelo menos, as situações das quais nos lembrávamos mais frequentemente e com as quais dávamos boas gargalhadas.

Partindo do princípio, podemos dizer que o William não era nenhum estudante modelo. Porém, quem de nós era? Tenho que ser justo e reconhecer que o ensino do Pedro Braile era de muito boa qualidade, pelo menos naquela

época. Aliás, quando me mudei do colégio particular onde estudava para lá, encontrei praticamente os mesmos professores, que não faziam corpo mole por estarem numa instituição pública. Contudo, apesar de ótima, a escola não tinha a mesma rigidez das particulares. Isso propiciava ao William chegar atrasado dia sim e dia também. Era impressionante a regularidade com que ele se atrasava, tudo isso motivado pela preguiça, outra companheira constante do meu querido amigo.

Digo isso pelo seguinte fato: Ele poderia caminhar cerca de cem ou duzentos metros até a rua principal, pegar, mais cedo, o ônibus da linha 125, saltar na antiga cerâmica e descer mais algumas dezenas de metros até chegar ao colégio, no horário, sem problemas. Contudo, em sua cabeça não fazia sentido todo esse esforço, uma vez que a linha 130 passava praticamente na porta da sua casa e parava exatamente ao lado da escola. E daí que o 130 passava mais tarde? E daí que chegaria atrasado? Poderia dormir uns, bem-vindos, minutos a mais e ainda economizar duas breves caminhadas.

Muitos talvez dirão não ser possível, mas eu testemunhei o dia em que, por volta de sete e quinze da manhã, a professora de biologia estava sentada na cadeira anotando alguma coisa em seu diário e um dos alunos indagou:

— Professora, a senhora não vai começar a aula?
— Calma, estou esperando o William chegar. — Ela respondeu com naturalidade.

Passados uns poucos instantes, lá veio o rapaz, com

a gadelha despenteada, óculos tortos na cara e aquele sorriso maroto, sem fazer a menor noção do que estava acontecendo. A sala explodiu numa gargalhada e a professora começou sua aula.

Como não bastasse se atrasar, o William estava constantemente sonolento, parecia nunca ter dormido o suficiente. Ele não chegava a adormecer em sala de aula, pelo menos não que eu me lembre, mas sempre parecia um zumbi, nem sei como prestava atenção nas coisas.

Não vou inventar e falar sobre as suas notas, se eram boas ou ruins, porque eu sinceramente não lembro. Provavelmente nunca lhe perguntei e a recíproca deve ser verdadeira. Isso simplesmente não era relevante. Cada um sabia de si e pronto. Nossos papos eram sobre zoeira, nada mais. Refletindo, não consigo me recordar de uma única conversa séria em toda a nossa vida. Até mesmo os assuntos sérios eram tratados na base da brincadeira.

Não era incomum jogarmos truco na sala, mesmo durante as aulas. Sentávamos no fundo e juntávamos três ou quatro mesas. Jogávamos baixinho, escondendo as cartas para que os professores não percebessem. Nos intervalos, rolava o truco da maneira como deve ser, com direito a muitos gritos e provocações, sem falar das brigas, pois ninguém aceitava perder e muito menos ser zoado pelos adversários. O William, com sua risada escandalosa e seu jeito irônico, era sempre algo divertido de ver.

Outro de nossos vícios era a purrinha. Jogávamos aquilo de modo compulsivo. Era outro *esporte* que rolava

solto. A *fomiagem* era tão grande que disputávamos partidas acirradíssimas em todos os momentos disponíveis e nos indisponíveis também, pois a jogatina rolava, assim como o truco, mesmo durante as aulas. Jogávamos nos intervalos e quando os professores faltavam. Muitas vezes íamos para o SESI jogar futebol e, enquanto esperávamos nossa vez de entrar em quadra, disputávamos partidas com quem estivesse disponível.

O vício nesse joguinho atingiu tamanha proporção que começamos a organizar campeonatos. Como sempre fui o mais organizado e cuidadoso com registros, ficava encarregado de montar as tabelas e anotar os pontos. Isso nos leva a mais uma história que permanecia no rol das recordações e risadas.

Estávamos loucos para terminar um campeonato que se encontrava pela metade, então tivemos uma brilhante ideia.

— Professora, temos um trabalho de biologia para apresentar em grupo no próximo horário. Poderíamos sair e concluí-lo em uma sala vazia? Senão vamos tirar zero. — Essa pergunta foi direcionada à professora de Literatura e, obviamente, não passava de uma grande mentira.

— Tudo bem, mas não fiquem por aí fazendo barulho, assim que terminarem, voltem para a sala. — Ela foi benevolente.

Pegamos nossos livros e cadernos e saímos pelos corredores à procura de um lugar seguro para a nossa jogatina. Descemos as escadas e encontramos uma sala próxima

que estava vazia e seria usada apenas no turno da tarde. Entramos, fechamos a porta, largamos os livros em um canto e começamos a jogar. Cabe aqui um parêntese, pois um de nossos colegas, o Reginaldo, não estava muito interessado em matar aula para jogar conosco. Porém, insistimos muito, chamamos de maricas, fizemos ameaças e tudo que fosse preciso, até convencê-lo ou, melhor dizendo, coagi-lo a ir conosco, pois sem ele não seria possível dar continuidade à disputa. Essa informação será relevante mais tarde.

Enfim, jogávamos de modo empolgado, porém sem gritos para não chamar a atenção de ninguém quando, repentinamente, a porta da sala foi aberta. Nossos olhos arregalados dirigiram-se em sincronia para a direção do barulho.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Indagou a coordenadora, bastante surpresa em nos encontrar.

– Estamos fazendo trabalho em grupo. – Um de nós gaguejou.

– Trabalho em grupo do quê? – Ela insistiu.

– De biologia. – Informamos.

– Então, cadê o trabalho? Mostrem aí!

Nenhum de nós sabia o que fazer. Ser descobertos não estava nos nossos planos, então não tínhamos nada preparado para a situação. Entreolhamo-nos e chegamos à óbvia constatação: Fomos pegos, não havia mais escapatória. Nosso silêncio nos denunciou.

– Esperem aqui que vou levar esta cadeira em outra sala e já estou voltando. – Ela ordenou.

Por que vocês esperaram? Por que não fugiram enquanto ela levava a cadeira para a outra sala? Alguém poderia me perguntar. Não adiantava tentar fazer nada, a coordenadora sabia exatamente quem éramos... Cada um de nós. Não tardou muito até que ela retornasse, nos conduziu à sua sala enquanto nos repreendia mais uma vez e escrevesse as advertências que deveriam ser assinadas por nossos pais e devolvidas no dia seguinte. Naquela época, quando os pais ainda se posicionavam em favor dos professores e não dos erros dos filhos, isso poderia representar até a morte.

Lembram do Reginaldo? Pois é, todos foram anotados, exceto ele. Por alguma razão a coordenadora se esqueceu daquele que não queria ir, aquele que ameaçamos de morte para que fosse jogar, aquele que foi quase obrigado a sair da sala. Ele escapava da bronca quando, de repente:

— Adriana, você esqueceu de anotar o Reginaldo. —
Dedou o Vítor, um de nossos colegas.

— Putz grila, você é um vacilão, que sacanagem cara!
— O William se manifestou, assim como o resto de nós.

— Ah não, se eu vou receber notificação, todo mundo vai! — Finalizou o dedo-duro.

No momento, ficamos com raiva pela sacanagem que o Vítor fez com um cara que nem queria sair da sala para jogar com a gente, mas esse fato nos proporcionou muitas e muitas risadas.

— Muito vacilo do Vitor! — Ele dizia antes de gargalhar.

Meu Amigo William

Campeonatos de Furrinha

	C	E	R	W						
1	2º	1º	4º	3º	Campeão: César - 31					
2	1º	2º	4º	3º	Vice: Elói - 26					
3	2º	4º	3º	1º	Reginaldo - 26					
4	1º	3º	2º	4º	4º: William - 17					
5	1º	2º	3º	4º						
6	2º	3º	1º	4º						
7	3º	4º	1º	2º						
8	3º	1º	2º	4º						
9	2º	1º	3º	4º	→ César campeão por antecipação					
10	2º	3º	1º	4º						
	1ª rodada	2ª rodada	3ª rodada	4ª rodada	5ª rodada	6ª rodada	7ª rodada	8ª rodada	9ª rodada	10ª rodada
	E - 04	C - 07	C - 10	C - 14	C - 18	C - 21	C - 23	C - 25	C - 28	C - 31
	C - 03	E - 07	E - 08	E - 10	E - 13	E - 15	R - 17	R - 20	E - 24	E - 26
	W - 02	W - 04	W - 08	W - 09	W - 10	R - 13	E - 16	E - 20	R - 22	R - 26
	R - 01	R - 02	R - 04	R - 07	R - 09	W - 11	W - 14	W - 15	W - 16	W - 17
	C	E	R	W	V					
1	2º	1º	3º	5º	4º	Campeão: César - 35				
2	3º	4º	1º	2º	5º	Vice: William - 31				
3	3º	4º	5º	1º	2º	3º: Elói - 29				
4	1º	5º	2º	3º	4º	4º: Reginaldo - 29				
5	4º	5º	2º	3º	1º	5º: Vítor - 26				
6	5º	1º	4º	2º	3º					
7	2º	1º	4º	3º	5º					
8	1º	4º	3º	2º	5º					
9	3º	1º	5º	4º	2º					
10	1º	5º	2º	4º	3º					
	1ª rodada	2ª rodada	3ª rodada	4ª rodada	5ª rodada	6ª rodada	7ª rodada	8ª rodada	9ª rodada	10ª rodada
	E - 05	R - 08	C - 10	C - 15	C - 17	W - 20	W - 23	C - 27	C - 30	C - 35
	A - 04	E - 07	W - 10	W - 13	R - 17	R - 19	C - 22	W - 27	W - 29	W - 31
	R - 03	C - 07	E - 09	R - 13	W - 16	C - 18	R - 21	R - 24	E - 28	E - 29
	V - 02	W - 05	R - 09	E - 10	V - 14	V - 17	E - 21	E - 23	R - 25	R - 29
	W - 01	V - 03	V - 07	V - 09	E - 11	E - 16	V - 18	W - 19	V - 23	V - 26

	C	E	V	W							
1	1°	2°	3°	4°	Campeão: César - 29						
2	1°	2°	4°	3°	vice: Eloi - 27						
3	2°	1°	3°	4°	3°: Vítor - 24						
4	3°	1°	2°	4°	4°: William - 20						
5	2°	1°	4°	3°							
6	3°	4°	2°	1°							
7	2°	1°	3°	4°							
8	2°	4°	3°	1°							
9	2°	3°	1°	4°							
10	3°	4°	1°	2°							
	1° rodada	2° rodada	3° rodada	4° rodada	5° rodada	6° rodada	7° rodada	8° rodada	9° rodada	10° rodada	
	C-04	C-08	C-11	E-14	E-18	E-19	E-23	E-24	C-27	C-29	
	E-03	E-06	E-10	C-13	C-16	C-18	C-21	C-24	E-26	E-27	
	V-02	V-03	V-05	V-08	V-09	V-12	V-14	V-16	V-20	V-24	
	W-01	W-03	W-04	W-05	W-07	W-11	W-12	W-16	W-17	W-20	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Reginaldo	C	2°	2°	5°	3°	1°	1°	1°	1°	4°	3°
1° César - 40	E	4°	4°	2°	5°	2°	3°	2°	4°	3°	1°
2° Eloi - 20	R	1°	1°	3°	4°	4°	2°	5°	3°	1°	2°
3° William - 14	V	3°	3°	4°	1°	3°	4°	3°	2°	2°	5°
4° Reginaldo - 13	W	5°	5°	1°	2°	5°	5°	4°	5°	5°	4°
5° Vítor - 09	1° rodada	2° rodada	3° rodada	4° rodada	5° rodada	6° rodada	7° rodada	8° rodada	9° rodada	10° rodada	
	R-05	R-10	R-13	R-15	R-17	C-22	C-27	C-32	C-34	C-34	
1° 16 Pts	C-04	C-08	C-09	V-13	C-17	R-21	R-22	R-23	R-30	R-34	
2° 6 Pts	V-03	V-06	V-08	C-12	V-18	V-18	V-21	V-25	V-29	V-30	
3° 4 Pts	E-02	E-04	E-08	W-11	E-13	E-16	E-20	W-22	E-25	E-30	
4° 3 Pts	W-01	W-02	W-07	E-09	W-12	W-13	W-15	W-16	W-17	W-19	
5° 2 Pts	Campeão: César - 34					4°: Vítor - 30					
	vice: Reginaldo - 34					5°: William - 19					
	3°: Eloi - 30										

As aulas de educação física também nos proporcionaram algumas recordações. Naquela época, a coisa era levada a sério. Tínhamos aulas de ginástica, onde nos eram ensinados e exigidos rolamentos, pontes, velas, flexões, sugados, polichinelos, entre outras coisas. Nosso professor, Kaká, excelente por sinal, aplicava extenuantes testes físicos com barras, abdominais e tantas outras coisas, além dos testes de corrida, onde tínhamos que dar voltas ao redor da escola.

Bimestralmente, realizávamos esses testes que nos garantiriam a nota no boletim, além de outros trabalhos escritos que o professor eventualmente passava para casa, normalmente sobre as regras ou fundamentos de algum esporte. Para conseguirmos um “A” na corrida, era preciso dar doze voltas em doze minutos (era praticamente necessário ser um super-herói para fazer isso, apenas um ou dois conseguiam). Para tirarmos um “B”, precisávamos dar, pelo menos, dez voltas no mesmo período (muitas vezes com a grama alta e poças que iam até nossos joelhos). Logicamente, nosso medíocre desempenho nos garantiria, no máximo, um “C” (até sete voltas, se não me falha a memória), mas a meta era sempre buscar o B, a qualquer custo.

Para os testes de corrida, os alunos eram divididos em pares. Inicialmente, metade da turma corria enquanto a outra metade ficava junto à linha de largada contando as voltas de sua dupla. Findados os doze minutos, as posições se invertiam. Nosso acordo (e certamente o de muitos outros) era que não importava quantas voltas déssemos,

diríamos que foram dez, garantindo um belo “B”. Dessa forma sequer perdíamos nosso tempo contando. Enquanto um corria, o outro ficava distraído, conversando ou apenas sentado, descansando.

- Quantas voltas você deu? – Perguntava.
- Dez. – O sorrisinho irônico estampado no rosto.
- De verdade. – Eu estava rindo.
- Sei lá, umas cinco! – William respondia.
- Você esqueceu de contar aquela volta...
- Sim teve aquela...
- E teve outras duas ou três...
- Verdade.
- Isso mesmo, foram dez! – Nós caíamos na gargalhada.

Com os testes físicos a coisa não mudava muito, a diferença era que, nesse caso, cada um contava seus próprios números.

No final do ano, o professor Kaká montou um campeonato de futebol, organizando as várias turmas em times, prometendo premiar os campeões com medalhas desde que cada equipe providenciasse seu uniforme. Foi uma espécie de torneio rápido, com dez minutos para cada partida. Divididos em dois grupos, avançariam quatro para as semifinais e então teríamos a final. Nosso time não era o melhor, mas também não éramos os piores. Vencemos quase todos os jogos do grupo por 1x0 e empatamos um ou dois por 0x0. Na semifinal, outro 1x0 e na final a vitória veio nos pênaltis após mais um 0x0. Ficamos orgulhosos com

nossa campanha invicta sem sofrer gols (como se uma sequência de empates sem gols e vitórias pelo placar mínimo fossem grande coisa) e esperamos a nossa premiação que, obviamente, não veio.

– Eu disse que dava as medalhas se vocês fizessem camisas personalizadas. Ninguém fez camisa, não tem medalha! – Determinou o professor.

Foi bastante frustrante, mas comemoramos nossa vitória mesmo assim.

De modo geral, nossa turma era bastante zoeira, mas todos se assustavam quando viam o William entrando na bagunça pela primeira vez. Ele era o típico sujeito com cara de *nerd*, muito quieto na dele, então ninguém esperava que fizesse as coisas que aprontava. Porém, bastava estar junto da galera para que se soltasse e zoasse muito. Uma das coisas que adorávamos fazer com certos professores, especialmente a de português, era responder em voz alta as questões de múltipla escolha.

– Turma, qual a resposta da primeira questão? – Indagava a professora.

– AAAA, AAAAAA. – William começava a gritar.

– BBBBB, BBBBBB. – Eu gritava ao mesmo tempo.

– CCCCC, DDDDD, EEEEE. – Gritavam outros.

Quando menos se esperava, se formava uma algazarra na sala de aula, cada um berrando uma resposta diferente o mais alto possível, buscando se sobressair aos colegas. Obviamente que o único objetivo era criar o caos e dar umas boas risadas.

— Calma, calma, gente! Um de cada vez, senão não conseguimos nos entender. — A professora bradava e nós ríamos ainda mais.

O mais engraçado é que ela não se tocava de que era zoeira. Também com ela aconteceram outros três casos clássicos, recordados com frequência. Certa vez, enquanto fazíamos uma prova de múltipla escolha, um amigo nosso, chamado Rafael, vulgo Ferrugem, falou bem alto:

— Um é A.

— O que é isso, menino? — A professora olhou para ele com ar reprovador. — Não pode falar as respostas.

— O que, professora? Estou falando do George Weah. — Respondeu com cinismo.

— Um craque! — Bradou o William.

— Weah, Weah, melhor jogador camaronês...

— Chega, menino, agora não é hora de falar de futebol, concentrem-se na prova!

E assim ele deu a resposta da primeira questão para toda a turma, nem preciso dizer que tiramos muito sarro depois. Essa professora passou por maus bocados conosco. Sempre bagunçávamos muito. Logicamente era uma coisa muito mais inocente do que se vê nas escolas hoje em dia. Certa vez, estávamos muito exaltados e as vozes da galeira soavam bastante alto. Era realmente impossível ter uma aula com aquele ambiente. A professora, já desesperada, tentava chamar nossa atenção. Falava alto, agitava os braços, pedia silêncio, mas a algazarra continuava. Como nada parecia surtir efeito, resolveu apelar.

– Sai! Sai! Sai! – Ela apontava para a porta enquanto berrava a plenos pulmões. – Quem não está com vontade de assistir aula, pegue suas coisas e saia! Podem sair!

Um silêncio sepulcral se abateu sobre a sala. Todos se assustaram com o repente explosivo da professora.

– Tá beleza, então! – Falei em voz alta enquanto pegava minhas coisas, enfiava na mochila e me dirigia para a saída.

A professora ficou me olhando incrédula e eu já estava com medo de ninguém me seguir. Porém, após alguns segundos de expectativa, o Rafael e o William pegaram suas coisas e vieram atrás, sendo seguidos por outros alunos. Ainda estupefata, a professora disse, enquanto saíamos:

– Isso, podem ir mesmo, vou fazer uma provinha especial para vocês!

Demos de ombros e seguimos nosso caminho. A quadra de futsal nos esperava. Se teve provinha especial? Teve nada!

O último caso que relatarei envolvendo a professora de português, retrata uma situação que também se repetia com certa frequência. Quando ela menos esperava, o William e eu começávamos a gemer bem alto sendo acompanhados por outros colegas.

– Ahhm, aahhh, uuuhhmm, uuuhhmmm, ahhhmm.

– O que é isso meninos? Estão passando mal? Pare já com isso! – Falava uma desconcertada professora.

Como excelentes alunos que éramos, nos fingíamos de surdos e continuávamos com a algazarra. Coitada, ela

era tão inocente que quase nunca entendia que estava sendo vítima de nossas loucuras.

A escola sempre rendeu inúmeras brincadeiras. Naquela época, algo que fazíamos era ofender a mãe do coleguinha. Sim, era uma brincadeira estúpida, mas que todos levávamos na esportiva. A zoeira consistia em descobrir o nome da mãe dos colegas e depois xingá-las. Isso aí, essa babaquice mesmo. Não tem mais explicação, era só isso. O único detalhe era que o sujeito que tivesse a mãe ofendida tinha o direito de dar um tapão, com toda a força, nas costas de quem a ofendeu. Exato! A dinâmica era essa.

— Fulana Piranha! — Gritava um.

— Ah, não, ah, não! — A galera dizia.

O ofendido se levantava, dava um tapão nas costas do ofensor que, por lei, não podia se defender e pronto, sua mãe estava vingada. Todos caíamos na gargalhada. Como uma coisa tão estúpida podia ser tão engraçada? Para nós era. Obviamente, o ofendido tinha a escolha de abrir mão do tapão e revidar a ofensa.

— Sicrana Vagabunda!

Pronto. Ficava no zero a zero e ninguém dava o tapa nas costas de ninguém. Essa zoação durou o ano todo. Inclusive, naquele campeonato de futebol que eu citei, num dos gols, o Ferrugem correu para o abraço com um colega de time e, ao se aproximar, gritou:

— Fulana Piranha! — Referindo-se à mãe do colega que corria para abraçá-lo.

Não é preciso dizer que o abraço se transformou

num soco bem dado nas costas do Ferrugem que quase caiu no chão. Certo dia, o William, eu e o Vítor, tivemos uma brilhante ideia. Bolamos uma forma de ofender a mãe de alguém sem receber a devida punição por isso. Colocamos um ao lado do outro, como se formássemos uma daquelas apresentações de jogral. Posicionamos nossas mãos para frente e dissemos:

- Fu. – Eu.
- La. – William.
- Na. – Vítor.
- Pi. – Eu.
- Ra. – William.
- Nha. – Vítor.

O filho da Fulana ficou puto e veio nos dar o merecido tapa nas costas. Quando ele se aproximou, nós nos defendemos:

- O que foi? Eu só falei Fu-Pi.
- Eu só falei La-Ra.
- Eu disse Na-Nha.

O moleque ficou irado, queria nos bater do mesmo jeito e acabou ofendendo as nossas mães sem permitir que lhe déssemos a recompensa por seus atos. Era uma verdadeira comédia, o cara super bravo com o rosto vermelho feito um pimentão, distribuindo socos ao vento e levando tapas de todos os lados.

Houve uma época em que virou moda colocar tachinhas nas cadeiras dos colegas. Teve um idiota que chegou a colocar na cadeira da professora, mas alguém impediu que

ela sentasse. Porém, entre nós não havia piedade. Se você se levantasse para jogar um papel no lixo, ir ao banheiro, ou fazer qualquer outra coisa, ou você conferia sua cadeira ou acabaria sentando em uma tachinha. Todos faziam isso com todos, a amizade não era um empecilho. Muitas vezes, a pessoa conferia a cadeira, mas quando já ia se sentando alguém colocava uma tachinha rapidamente e aí era tarde demais para evitar. Acho que cada um de nós sentou numa tachinha pelo menos uma vez naquele ano.

Quando o pessoal ficou esperto e já não sentava mais sem olhar, alguns passaram a colar a tachinha no encosto da cadeira, para que o sujeito tivesse as costas furadas ao invés das nádegas. Certa vez, um colega conferiu bem o assento. Quando já estava se sentando, o aluno de atrás colou a tachinha no encosto. Dando uma de malandro, o rapaz se virou e disse:

— Não vou cair nessa, seus manés! — Ao mesmo tempo em que enfiava o braço na tachinha, fazendo com que ela ficasse presa.

A risada foi geral e o assunto era recordado por nós com frequência.

Outra situação inesquecível aconteceu comigo e um colega que chamávamos de porquinho. Estávamos no meio de uma aula e eu fiz algum comentário, alguma piada sem graça, já não lembro. Esse garoto virou para trás e disse:

— Cala a boca aí, César. Tá atrapalhando!

— Fica na sua aí, seu porquinho! — Respondi prontamente.

– Ah, ah, porquinho, porquinho! – William gritou. Aí foi um pandemônio. Do nada, vários colegas resolveram tomar o meu lado e iniciou-se uma gritaria na sala de aula.

- Porquinho, porquinho!
- Cala a boca, filho de uma porca!
- Fica na sua, filho de uma ronca e fuça!
- Óinc, óinc, óinc!

A professora tentou nos acalmar, mas nada nos fez parar até que nossa sede de sacanear o porquinho acabasse. Era uma época em que não havia essa vitimização de bullying, era apenas zoeira. Hoje você sacaneava, amanhã era sacaneado e ninguém morria por causa disso. Com o passar dos anos o William acabou se esquecendo dessa história:

- Tenho memória de peixe. – Ele sempre dizia.

Como eu insistia no fato ele respondia:

– Não lembro dessa parada aí, não, parceiro, mas você contando é engraçado pra caramba! – Ele dava a sua risada típica.

Um assunto recorrente em nosso dia a dia era a respeito de uma garota que estudava na nossa sala e morava próximo à casa do William. Muitas vezes eles pegavam juntos o ônibus para a escola. Meu amigo era gamado nela, mas a vergonha e talvez o sentimento de que fosse muita areia para o seu caminhãozinho o impedissem de se aproximar. Ela era muito bonita e chamava a atenção de todos. Acho até que tinha namorado na época, mas não posso afir-

mar. Enfim, o ponto curioso é que aquela garota sempre usava um perfume muito cheiroso e não tardou para que ganhasse um apelido, logicamente restrito às conversas entre o William e eu. Ela se tornou “A Cheirosa”.

— Cara, a cheirosa é muito linda! É perfeita, tem a pele lisinha, sem um defeito sequer! — Ele dizia.

Tudo que eu podia fazer era concordar.

— César, encontrei a cheirosa na rua outro dia, ela estava ainda mais linda que o normal! — O William me disse uma vez, muitos anos depois de formados na escola.

Ao logo daquele ano e durante muitos outros em conversas esporádicas, o assunto da cheirosa era trazido à tona, saudosamente por parte do William e jocosamente da minha parte, pois ele ficava totalmente bobo quando falava dela. Claro que o tempo passou e o assunto foi caindo no esquecimento, tanto que sequer me recordei de incluí-lo na primeira versão deste livro, mas acabei me lembrando da história e julguei interessante relatá-la, visto que foi algo marcante para o William durante bastante tempo.

Para encerrar este tópico, preciso dizer que, logicamente, o sobrenome do William não passaria despercebido pelos nossos colegas. Além das pessoas nunca o pronunciarem direito, muitas vezes o pessoal sacaneava dizendo que ele era o short, a irmã era a calcinha, o pai a calça jeans e a mãe a bermuda. Sempre rolava algum tipo de piada com o nome e as peças de roupa ainda mais que, naquela época, o personagem Homem Cueca fazia muito sucesso, aí é que o pessoal não perdia a oportunidade mesmo. O William nun-

ca se irritou com isso, pelo contrário, levava na esportiva e caía na gargalhada quando alguém começava com essa história. De modo geral, ele era sempre um cara muito bem-humorado que sabia zoar e ser zoadado numa boa.

– Sempre fui uma criança traumatizada, pois quando pequeno eu era o único da minha turma que não sabia escrever o meu sobrenome. – Ele brincava.





Saídas da Escola

Qualquer motivo era desculpa para sairmos da escola e procurar algo mais interessante para fazer. O William e eu sempre andávamos juntos para todo lado. Foram incontáveis as vezes em que nós, simplesmente, deixávamos nossas mochilas com o material na sala de aula e saíamos para passear. Um de nossos lugares favoritos era ir até a revistaria Agulhas Negras, no calçadão, antes dela mudar de calçada e muito antes que ela fechasse. Passávamos incontáveis minutos vendo as revistas e os gibis. Folheávamos as páginas e desejávamos as famosas revistas PC que custavam R\$ 9,90. Uma fortuna para a época. Não passava nenhuma semana sem que cumpríssemos esse ritual. Em determinado momento da aula, quando já estávamos de saco cheio, nos olhávamos e já sabíamos o que o outro queria. Logo atravessaríamos a ponte e iríamos para a revistaria.

Uma de nossas memórias engraçadas aconteceu naquele lugar. Tínhamos um professor de física já meio idoso que era bem doidão e gente boa. Um dia, mexíamos nos gibis, quando esse professor apareceu repentinamente. Logo tememos levar um esporro daqueles (eram outros tempos), pois estávamos matando aula. O professor nos viu e nos cumprimentou. Achemos estranho ele não falar nada, mas ele era tão desligado que nem deve ter se lembrado que deveríamos estar em sala de aula.

Naquela época, era muito comum revistas acompanhadas por fitas de filmes diversos (aqueles que já haviam passado incansavelmente na sessão da tarde), era quase que a única maneira de se adquirir um filme sem ser comprando uma fita usada de locadora, ou ainda alugando e fazendo uma cópia *alternativa*. Como não podia deixar de ser, existia, na parte inferior das gôndolas, na verdade em local bem visível, uma seção de revistas com filmes pornográficos. Quando menos esperávamos, ele se abaixou e começou a jogar as revistas para lá e para cá como se procurasse algo específico. Imagine nossa surpresa quando vimos o professor vasculhando entre essas revistas, sem nenhum pudor, bem na nossa frente.

— Esses filmes de sacanagem são bons? Vocês já viram? — Ele indagou, para nossa total surpresa. Ficamos petrificados por um instante sem crer que aquilo fosse real e sem saber o que fazer.

— Não, professor, esses aí a gente nunca viu, não! — Nós começamos a rir descontroladamente.

— Eu gosto desses filmes de sexo! Esses filmes são muito bons, muito bons mesmo! — Ele tornou a dizer, enquanto nós ríamos ainda mais. Era surreal que um professor estivesse ali falando conosco sobre aquilo.

— É, professor, parece ser legal, mas não podemos opinar, não!

Largamos os gibis no seu devido lugar, saímos rindo pelo calçadão e deixamos para trás o professor safadão.

Íamos, com muita frequência, ao calçadão, mas com

mais assiduidade frequentávamos o SESI. Até hoje não sei explicar qual era o acordo entre o Colégio Pedro Braile e o SESI, mas o fato é que nós, como alunos, estando uniformizados, podíamos ir até o clube, que fica atrás da escola, e usar suas dependências à vontade, com exceção da piscina. Bastava que um de nós entregasse a identidade e podíamos pegar a bola para jogar futsal, ou as raquetes e bolinhas para jogar pingue-pongue, ou mesmo as bolinhas para jogar totó. Era uma época boa demais.

E lá íamos nós, William, eu e metade da turma, quase que diariamente, jogar futsal na quadra coberta, ou mesmo pingue-pongue e totó na hora do recreio. Às terças-feiras, nossa aula terminava às 8h40, então era sagrado irmos até o SESI jogar bola até o meio dia. Porém, as idas até lá não aconteciam apenas nos momentos livres e funcionavam meio que como as idas ao calçadão. Bastava estarmos de saco cheio e lá íamos nós, deixando diversas mochilas abandonadas em carteiras vazias. Não era raro voltarmos para a sala e nossas mochilas estarem no lixo, escondidas ou penduradas no ventilador.

Outro *point* frequentado algumas vezes era um bar perto da antiga cerâmica. Antes que alguém pense besteira, não íamos lá para beber e sim para jogar sinuca. Era o famigerado *Snooker Bar*. Costumávamos reunir quatro ou seis amigos e íamos até lá jogar uma sinuquinha. É muito engraçado, hoje em dia, pensar naquela meia dúzia de moleques de dezesseis ou dezessete anos enfiados num bar com outra meia dúzia de *bebuns* quase desmaiados, jogando si-

nuca. Tudo bem, hoje isso não é nada de mais, mas em 1997 não era uma coisa comum de se ver. Para dizer a verdade, nem sei como o dono do boteco permitia nossa entrada ali, pois imagino que ele poderia se complicar caso alguém de algum órgão público da juventude, ou qualquer coisa assim, nos visse lá dentro. O fato, porém, é que entrávamos e permanecíamos ali jogando pelo tempo que nos agradasse. Eu mesmo nunca fui um grande jogador de sinuca, tampouco o William, mas o que mais valia era nos divertirmos e brincarmos. Ali demos boas risadas, demos muitas cagadas, ganhamos alguns jogos e perdemos muitos outros.

Já no finalzinho daquele ano, a escola implementou a política de manter portões fechados e controlar a saída dos alunos. Nós não tivemos nenhuma culpa nisso, eu juro. Numa das poucas vezes em que realmente precisávamos sair por um motivo justo, aconteceu algo hilário. Bom, pelo menos na hora foi. Chegamos no portão e uma funcionária da limpeza estava tomando conta, não permitindo que os alunos saíssem sem uma boa razão.

— Aonde vocês vão? — Ela interrogou.

— Ô tia, precisamos ir lá fora rapidinho tirar umas cópias. — Pedimos.

— Cópia do que, meninos?

Mostramos as folhas, que eu já não recordo do que se tratava, e ela observou de modo desdenhoso como se não acreditasse na gente.

— Por favor, tia, precisamos ir rapidinho senão a aula vai começar e a gente vai se atrasar.

– E precisa ir todo mundo tirar cópia? Não basta ir um, não? – Ela estava desconfiada.

Realmente não era preciso irmos todos (estávamos em três ou quatro), mas obviamente queríamos ir juntos para zoar pelo caminho. Foi quando eu finalmente falei.

– Ah, tia, abre aí, deixa a gente ir, na moral... Fala sério!

– Fala sério? – Ela nos olhou, fazendo uma careta.

– Eu não sou Roberto Carlos pra falar sério!

– Roberto Carlos? O que isso tem a ver? – O William disparou.

Nós começamos a rir, porque a senhorinha fez uma expressão ainda mais engraçada. Por fim, usamos toda a nossa persuasão e ela nos deixou sair. Realmente fomos até uma lojinha, tiramos as cópias e voltamos para a aula. Com o passar dos anos, em algumas oportunidades, quando um de nós soltava o “fala sério”, o outro respondia:

– Não sou Roberto Carlos!





Andanças Pela Vida

Normalmente, eu e o William não gostávamos muito de pegar ônibus. Para nós, era um saco ter que esperar eternamente no ponto, subir no *busão* lotado e ainda ter que ir parando de ponto em ponto; fora o calor infernal que fazia lá dentro. Em algumas oportunidades íamos a pé até mesmo da escola para casa ainda que tivéssemos direito ao transporte coletivo gratuito por estudarmos na rede pública. Isso fazia com que andássemos muito, muito mesmo pela cidade. Essa era uma grande vantagem, pois, além de não perdermos tempo e não gastarmos dinheiro, ainda tínhamos a excelente oportunidade de conversar sobre tudo, por longos períodos.

Por muitas vezes, liguei para a casa dele com o seguinte convite imperdível:

– Fala, moleque, beleza? Preciso ir ao banco, tá afim de ir comigo? – Se não fosse o banco, era para ir a outro lugar qualquer, normalmente chato, ainda mais sozinho.

Que programão, não é mesmo? Ir ao banco com o amigo. Contudo, normalmente ele respondia prontamente:

– Beleza, não estou fazendo nada, vamos nessa!

Eu saía a pé da minha casa, na Morada da Colina e caminhava cerca de dois quilômetros até a casa dele. Acho que devia dar uns dez ou quinze minutos, não mais do que isso. Lá nos encontrávamos e seguíamos para o centro co-

mercial da cidade, o bairro Campos Elíseos (distante cerca de quatro quilômetros da casa dele). Íamos ao banco, pasávamos nas bancas de jornais e revistas, rodávamos um pouco, fazendo fosse lá o que tivéssemos para fazer e depois retornávamos, mais uma vez a pé, até sua casa. Normalmente, filaria um rango lá, ouviríamos música e conversaríamos praticando nosso *esporte* favorito: Falar merda!

Todas as semanas jogávamos futebol. Por mais que parecesse que ele não tinha aptidão para os esportes (devido ao jeitão *nerd*), o William era um bom jogador de futebol, sério mesmo. Claro, ele não era o craque do time, mas jogava direitinho, tinha bom toque de bola, chutava bem... Enfim, tanto na ida, quanto na volta, costumávamos ir juntos caminhando (cerca de quatro quilômetros a contar da minha casa). A volta era meio cansativa, pois acabávamos de jogar por horas, mas conversar com meu amigo, falando sobre todo o tipo de coisas, tornava a caminhada agradável. Tanto que, muitas vezes, chegávamos ao ponto onde cada um seguiria seu rumo e ficávamos parados embaixo da luz de um poste conversando por longos minutos.

Essas voltas para casa renderam algumas de nossas brincadeiras e situações inusitadas que relembraríamos por anos. Houve um dia em especial que eu estava contando a ele sobre o exame de sangue que tinha feito. Realmente fora algo, até então, incomum para mim, pois daquela vez a mulher da clínica colheira seis frasquinhos fazendo parecer que aquilo não terminaria nunca. Tive a impressão de que esgotaria o sangue do meu corpo. E lá estava eu, narrando

minha odisseia ao William, quando falei o seguinte:

– Estou te falando sério, cara, ela tirou sangue demais.

– Ah, deixa de ser exagerado, César, deve ter sido uma coisinha de nada! – Ele menosprezou meu sofrimento.

– Coisinha de nada? Pô, cara, ela me sugou! – Falei a última frase num tom muito alto.

Do nada o William acelera o passo e quase cai no chão de tanto rir. Tentei acompanhá-lo, sem entender o que acontecia. Ele ficou azul, quase sem ar, rindo demais.

– O que foi, retardado? – Indaguei.

– César, você é um sacana, falou essa parada de propósito! – O riso entrecortava sua fala, ele puxando o ar, tentando se recuperar.

– O que foi, cara? Você está louco? – Eu não entendia o que se passava.

– Ah, não mete essa, vai dizer que você não viu os *bebuns* no bar?

– Que *bebuns*? Que bar? – Achei que ele estava viajando.

– Pô, César, bem na hora que a gente estava passando pelo bar, cheio de *bebuns*, você me solta essa: – Ela me sugou! – Ele gritou bem alto e caiu na risada novamente, não resisti e acompanhei.

– Eu nem vi isso, seu mané!

– Cara, quando você falou isso, todos os *bebuns* olharam ao mesmo tempo para o nosso lado, foi muito en-

graçado!

Realmente eu nem tinha visto bar, nem *bebuns*, nem nada, mas a situação foi mesmo muito engraçada. Ele continuou me sacaneando até que nos despedíssemos e, volta e meia, trazia o assunto à tona por um bom tempo.

Todas as semanas jogávamos nosso futebolzinho, isso não podia faltar. Normalmente éramos os primeiros a chegar, perto de sete da noite, e éramos os últimos a sair, quando já eram quase onze horas. Muitas vezes, antes de caminharmos para casa, passávamos no Forte Apache (um *trailer* que sempre frequentávamos) e repúnhamos as energias comendo nosso sanduíche (sempre um Bauru com pão de hambúrguer e carne de hambúrguer) com um Guaraviton. Conversávamos e ríamos por longos minutos e, só então, seguíamos nosso rumo rotineiro.

Como já disse, eu morava num bairro mais afastado do Centro do que o William e, portanto, precisava caminhar um pouco mais do que ele, o que não era justo. Com o passar do tempo comecei a questionar.

— Isso não é justo, cara, eu tenho que andar mais do que você. Pra compensar você precisa me acompanhar até um pouco mais longe.

— Tá bom, até aonde eu tenho que ir com você? — Ele perguntou.

— Bom, você tem que ir até ali (falávamos esse “ali” numa entonação ao estilo Ronald Golias).

Só que esse ali, nunca chegava, eu sempre queria que ele fosse um pouco mais. Dávamos boas risadas bri-

gando para decidir até onde seria justo ele me acompanhar, de modo que o seu retorno fosse proporcional ao que me faltaria caminhar. Era assim quase todos os dias:

– Eu vou até ali. – Ele dizia. E ia até onde lhe desse na telha e resolvesse voltar.

No fim, nunca era justo e eu sempre andava mais, mas era um sacrifício pequeno para poder passar horas zoando com meu melhor amigo.

Numa dessas caminhadas, saí e passei na casa do William. Chegando lá, tomei aquele copo de água para refrescar, conversamos um pouco e fomos até o Campos Elíseos. Estava um sol de rachar. Já era loucura suficiente caminhar até ali, mas não satisfeitos resolvemos prosseguir até o Mcdonald's para comer alguma coisa. Não seria nada de mais se o restaurante não ficasse à cerca de vinte minutos de *pernada* (por volta de dois quilômetros), embaixo do sol quente, numa pista praticamente sem calçada.

Porém, nada era capaz de nos desanimar. Valentemente, iniciamos a caminhada quando, simplesmente, começou a choviscar. Olhamos um para o outro e decidimos prosseguir, não seria um chuvisco a nos impedir de saborear um delicioso sanduíche. O único detalhe é que a intensidade da chuva começou a aumentar. O que era um chuvisco fino tornou-se uma forte garoa que começava a nos deixar bastante molhados. Nada que alterasse o nosso humor. Continuamos caminhando e conversando, como se nada de anormal acontecesse.

Para encurtar a história, chegamos ao nosso objeti-

vo, molhados, pedimos nossos lanches, comemos e saímos para uma longa jornada de volta até a casa dele. A chuva felizmente parou, o sol retornou e, quando chegamos ao nosso destino, já estávamos praticamente secos.

Já adultos, eu casado e pai da Ana Carolina, revivemos um momento de andar por aí à toa. Um dia, a Kaliny saiu para fazer alguma coisa e eu fiquei sozinho com a minha filha que tinha cerca de dois anos. Resolvi sair para passear e entretê-la. Foi quando tive a ideia de ligar para o William e chamá-lo para rodar e conversar um pouco. Para meu espanto, ele concordou (àquela altura ele já não aceitava fazer qualquer coisa tão facilmente).

A diferença dos tempos antigos é que daquela vez não fomos a pé, mas de carro, até o Resende Shopping. Rodamos por lá e resolvemos fazer algo que era nosso costume quando mais novos, ir até a seção de Dvds das Americanas e vasculhar tudo.

— Parecemos um casal gay com nossa criança. —
Comentei.

— Pois é! — Ele deu uma gargalhada.

Em determinado momento, a Carol descobriu a seção de desenhos e eu a segui até lá, deixando o William para trás. Ela mexeu em vários Dvds e, por fim, me pediu que comprasse um daqueles que ela gostava muito:

— Papai, compra esse aqui pra mim? — Ela falou com sua vizinha meiga.

— Eu não, pede aí para o seu tio William! — Brinquei.

Ela então ergueu o rosto, tentando enxergar por cima das prateleiras e gritou:

– Tio William!

Eu caí na gargalhada e ele, não entendendo nada, perguntou o que estava acontecendo. Expliquei e ele respondeu:

– Eu não, quem tem que te dar as coisas é o teu pai, minha função é só te fazer pedir. Toma, pede esse aqui para o seu pai, e esse aqui também, e mais esse... – Ele pegava Dvds de desenhos e os entregava para a Ana Carolina, que começava a acreditar que eu ia comprar mesmo, coitadinha, nunca se iludiu tanto.

Acabei indo embora, antes que o prejuízo fosse grande. Obviamente ele saiu de lá rindo da minha cara.





Humor Sarcástico

Uma das marcas registradas do William era o seu humor sarcástico e a sua incomparável habilidade para dizer “não”. Ao longo de nossos vinte anos de amizade, por muitas vezes passei por situações como essa:

– Alô. – Ele atendia, normalmente com voz de sono.

– Fala, *Lemão*, beleza?

– Qual é, César? Tranquilo e você?

– De boa, cara. Aí, saiu um filme novo maneirasso.

É a história de um cara que é morto pela máfia, mas ressuscita e volta para matar todo mundo, etc, etc, etc...

Eu narrava o enredo do filme, na maior empolgação, falava que a gente podia passar no Forte Apache depois, fazer isso e isso e aquilo e então:

– Tá afim?

– Não. – Era a única resposta que vinha do outro lado da linha.

Eu ficava tão desconcertado e puto com o não seco, sem nenhuma explicação, nenhuma enrolação, nenhuma emoção e nenhuma média que, normalmente, eu me limitava a responder:

– Tomar no seu rabo, então! Falou!

– Falou.

E o telefone era desligado. Eu não ficava com rai-

va de verdade, mas que era um pouco irritante essa mania dele, isso era, ainda mais quando se tratava de algo que eu estava muito afim de fazer e sem ninguém para me acompanhar.

É impossível contar o número de vezes em que um diálogo semelhante a esse se desenrolou entre nós. Tinha vezes que eu pensava em nem ligar, pois já sabia o que iria acontecer, mas eu insistia. Às vezes, caía na besteira de perguntar:

– Por que não, cara?

– Porque não! Não quero, não estou afim! – Era o que ele respondia com a maior naturalidade e sem nenhum pudor.

A capacidade de mandar esse “não” *na lata* e simplesmente ficar em silêncio depois era definitivamente uma das marcas registradas do cara. Pelo menos comigo. Afinal, para que ficar inventando desculpinhas e enrolando se o cara podia simplesmente dizer:

– Porque não quero! – Simples assim.

Outra coisa que ele sempre fazia e que me deixava louco (não literalmente, mas dava vontade de mandá-lo praquele lugar) era quando eu contava uma piada. No início da nossa amizade ele simplesmente se limitava a não rir de nenhuma de minhas piadas. Ficava bem sério, demonstrando que eu “não fui feliz na tentativa de agradar ao próximo” (outra zoeira da época).

– Por que o biscoito de água e sal não é feito só de água e sal? – Lancei o enigma certa vez.

– Sei lá! – Ele retrucou, desinteressado.

– Porque senão o mar seria um grande biscoitão! –
Caí na gargalhada, esperando que ele fizesse o mesmo.

– Que piada lixo, César! Não tem uma melhor aí,
não? – Além de não rir, ele tinha o prazer de esculachar.

– A piada é boa, cara!

– Não, não é, não!

– Só você que não riu.

– Duvido alguém rir dessa porcaria, só você consegue achar isso engraçado. – Aí sim ele ria, depois de me sacanear.

Assim ele arruinou diversas de minhas piadas, até mesmo as melhores que eu tinha no repertório. Com o passar do tempo, a zoeira evoluiu. Um dia, simplesmente a seguinte conversa se desenrolou:

– Caraca, moleque, deixa eu te contar uma piada que eu ouvi. – Já fui logo pigarreando e preparando a garganta para contar a anedota.

– Pera aí, pera aí! – Ele fez sinal de pare com as mãos. – Essa piada é engraçada?

– É sim, cara! – Respondi, inocentemente.

– Ah, se é engraçada pode falar, porque essa aí você nunca me contou. – O comentário veio seguido por uma gargalhada escandalosa.

Eu parei por alguns segundos, respirei fundo, mandei ele à merda e contei a piada. Ele não riu. E assim seria pelo resto das vezes em que nos encontrássemos e que eu quisesse contar uma anedota. Ele iria me interromper, per-

guntar se era boa, eu ia dizer que sim, ele ia mandar eu falar, eu ia contar e ele não ia rir. Por que eu insistia? Porque esse ritual era mais engraçado do que as próprias piadas que, devo admitir, eram sem graça mesmo a maioria das vezes.

Acho que deve dar para contar nos dedos das mãos o número de vezes em que eu contei uma piada e que ele tenha dado risada:

– Essa sim é boa, finalmente você acertou uma, cara! – Ele dizia.

O William tinha uma risada muito engraçada, não tinha como ouvir e não saber que era dele. Quem ouvisse pela primeira vez poderia até pensar que ele estava forçando, mas não era o caso, ele tinha aquela risada doida mesmo.



Zoeira Nossa de Cada Dia

Existem tantas histórias aleatórias, tantas situações inusitadas que fica difícil agrupar sob um determinado assunto ou tema. Quando nos reuníamos, uma coisa era certa, ia sair muita besteira dali. Chegou uma época em que nos víamos com uma frequência muito menor, ainda abordarei esse assunto, então novas histórias tornaram-se escassas, uma vez que, quando nos encontrávamos, acabávamos falando mais das histórias do passado. Algumas dessas situações, relato a partir de agora.

O William gostava muito de filmes e séries. Dito isso, tivemos algumas oportunidades de ir ao cinema juntos. Todas as vezes em que estávamos na sala de exibição, em algum ou alguns momentos do filme, eu soltava piadas sobre o que estava acontecendo. Só para exemplificar, uma vez, durante o filme do Senhor dos Anéis, há uma cena em que o Sam tenta ajudar o Frodo a se livrar do encanto do anel e diz uma frase do tipo:

– Senhor Frodo, senhor Frodo, é o seu Sam, é o seu Sam...

No auge do sucesso do personagem Pit Bicha da TV eu solto bem alto um:

– Cuecão de couro, mano!

O cinema inteiro veio abaixo com as risadas.

Enfim, eu sempre soltava esse tipo de piadinhas que fazia as pessoas ao redor rirem e o William se amarrava nisso. Ele sempre falava que ia ao cinema comigo já esperando o momento em que eu faria aquela tirada cômica provocando risadas em todos que estivessem em volta. Certa vez recebi uma ligação.

– Alô. – Atendi.

– Fala, parceiro, beleza?

– Tranquilo, cara. O que manda?

– Irmão, estou com dois ingressos aqui para assistir ao Homem de Ferro 2, a Tatiana ia comigo, mas não vai poder, tá afim?

– Caraca, Homem de Ferro 2? O primeiro já foi a maior bosta! – Respondi, sem ânimo algum.

– Ah, fala sério, o filme é maneirasso! Vamos lá!

– Bom, eu não vou pagar por essa porcaria.

– Não, pô, não precisa pagar não... Se você não vier eu vou perder essa parada mesmo.

– Tá, então eu vou!

Fomos ao cinema, o filme começou e estava tão chato que adormeci. Sério, eu dormi no filme, algo que eu acho que nunca aconteceu antes, nem depois. Repentinamente, abri meus olhos e passava a cena onde a Viúva Negra entra num edifício cheio de inimigos e começa a detonar um por um. Em determinado momento, ela dá um golpe muito louco, pulando com as pernas abertas no pescoço do cara, dando uma volta, uma pirueta, um duplo mortal carpado,

uma Daiane dos Santos e joga o cara desacordado no chão. Diante de tal golpe fantástico eu exclamei bem alto:

– Caraca, maluco! Essa posição aí, nem no Kama Sutra você encontra!

Pronto, o William desandou a rir e quase se engasgou, as pessoas ao redor riam de não se aguentar e não conseguiam parar. O que eu fiz? Literalmente, fechei meus olhos e voltei a dormir. Nós relembávamos disso e ríamos tanto. Ele contou a impressão que teve do momento:

– Caraca, irmão, eu olhei para o lado e vi que você estava dormindo. Resolvi deixar quieto, vai que você estava cansado, não estava gostando do filme...

– Eu não estava gostando do filme, mesmo! – Interrompi.

– Aí eu já estava pensando: Hoje o César não vai soltar nenhuma das suas piadinhas. De repente, você abre os olhos, solta aquela do Kama Sutra e volta a dormir. Moleque, eu ri demais! – E desatava a rir com a sua risada escandalosa.

Toda vez que contávamos o caso a alguém ele ria sem parar, como se estivesse revivendo o momento.

Em outra oportunidade, fomos ao cinema com um grupo de pessoas, nossas esposas e parentes da Tatiana. Em determinado momento, seu cunhado liga dizendo que não vai mais. O William já tinha comprado os ingressos e começou a se lamentar, pois um seria perdido.

– Que perdido o quê, maluco? Vende essa parada pra alguém aí. – Fiquei indignado.

— Eu não, pô, deixa quieto.

Se tem uma coisa à qual o William não era apegado essa coisa era dinheiro, mas aí já era demais.

— Deixa quieto? São doze reais, maluco! Vai perder isso só assim? Vende essa merda para alguém! — Insisti.

— Ah, não, pô, eu fico sem graça.

— Dá essa merda aqui, que eu vou vender. — Tomei o ingresso da mão dele e comecei a andar pela praça de alimentação.

Não recordo qual era o filme, mas era um daqueles *Block Busters* e a sessão estava lotada. Parei no primeiro grupinho de pessoas que vi.

— Vocês vão ver o filme?

— Vamos sim. — Responderam.

— Todo mundo aí conseguiu ingresso?

— Eu não consegui. — Um dos rapazes falou.

— Estou com um sobrando aqui, a pessoa não vem mais, te interessa? Dá dez reais que tá beleza.

O rapaz ficou todo alegre, pegou os dez reais, me deu e eu passei o ingresso para ele.

— Toma, tá aí, vendi por dez reais, melhor do que nada! — Joguei o dinheiro na mão do William.

— Pô, parceiro, valeu mesmo, se dependesse de mim ia perder tudo. — Ele pegou o dinheiro e guardou.

— Beleza, guarda sua grana aí então e vê se não gasta à toa. — Debochei, como se fosse um pai falando com um filho.

Dali um tempo o cara some, quando volta, vem com

um pote enorme de pipocas.

– Já que você recuperou a grana, resolvi comprar mais uma pipoca.

– Moleque, você é retardado? Pagar uma fortuna nesse negócio aí! Se eu soubesse, tinha ficado com os dez reais para mim. – Mais uma vez ele caiu na gargalhada.

Outra situação que eu recordava e que o William ficava até meio sem graça, referia-se também a uma de nossas idas ao cinema. Eu estava na faculdade e ele na Academia da PM, quando fomos ver um filme no Resende Shopping. Ambos pedimos ingresso de estudante e pagamos metade do valor.

Na hora de entrar na sala, eu fui na frente, entreguei meu bilhete e minha carteira de estudante. O funcionário do cinema conferiu e permitiu que eu passasse. O William seguiu o mesmo procedimento e entregou a identidade militar dele. O rapaz deu uma olhada e, meio sem jeito, informou:

– Senhor, o fato de ser policial não permite que o senhor compre meia entrada. – Ele imaginou que o William quisesse dar uma *carteirada*.

Meu amigo se aproximou do sujeito, apontou para a carteira e falou:

– Eu te entreguei essa merda é para você ler, não é para olhar para a minha foto, não. Não sabe ler? Está escrito aqui, Aluno Oficial, eu sou estudante. – Ele falou de modo bastante ríspido.

– Desculpe, senhor, eu não tinha percebido. – O

rapaz devolveu o documento e o ingresso e deixou que o William passasse.

Assisti a cena perplexo, um pouco assustado e um pouco querendo cair na risada. Nunca o tinha visto agir daquela maneira com alguém. Nem antes e nem depois daquele dia.

– Caraca, moleque, você foi muito escroto com o cara! – Falei, assim que se aproximou.

– Eu fui? – Ele se admirou.

– Caraca, você esculachou o moleque, achei até que ele ia chorar. – Segurei o riso enquanto nos afastávamos.

– Que isso, cara, não fiz isso não!

– Você fez sim, maluco... Foi escrotasso! – Sentenciei. Já estávamos longe do rapaz então aproveitei pra soltar a risada que estava prendendo.

– Caramba, eu nem percebi, foi mal.

– Deixa pra lá! – Encerrei, enquanto ria demais.

– É, dane-se!

E nos sentamos para assistir ao filme.

Ultimamente, o William estava encantado com a série *Game Of Thrones*, especialmente com a personagem Daenerys Targaryen, a Khaleesi. Ele falava dela o tempo todo, que era muito maneira, muito linda, etc e tal. Acho que a Tatiana até ficava meio enciumada, mas se fazia de superior e dizia que não ligava.

Era um grande prazer para ele chegar em casa e assistir seus filmes e séries em sua televisão de tela grande e plana, comprada somente por causa desse vício. É uma

pena que tenha partido sem poder assistir a última temporada de Game Of Thrones, seria interessante ver os comentários e a provável revolta com o fim de uma série tão marcante e bem feita. Se eu tivesse que dizer a alguém qual era o hobby do meu amigo, definitivamente diria que eram seus filmes e séries. Seu HD externo estava sempre repleto.

Voltando aos tempos da juventude, certa tarde encontramos uma nova maneira de nos divertir. Estávamos ouvindo na rádio Resende o programa Chocomix, apresentado pelo radialista Chocolate, uma figura bastante conhecida e querida na cidade. Nesse programa, ele costumava fazer uma pergunta aleatória, os ouvintes deveriam ligar e dar as suas respostas. As melhores seriam lidas no final. Então ele lançava perguntas do tipo:

– O que você faria se ganhasse na loteria? – Coisas assim.

No final, surgia todo tipo de resposta, desde a mais cabeça, até as mais zoadas. Foi então que tivemos a brilhante ideia. Vamos ligar e nos passar por um viadinho que é apaixonado pelo Chocolate. Assim surgiu o Querêncio.

- Rádio Resende, quem fala.
- Aqui é o Querêncio.
- Pois não, senhor.
- Quero responder a pergunta do Chocomix.
- O senhor é da onde?
- Sou da Cidade Alegria.
- Então responda a pergunta: Qual o seu maior sonho?

– Levar o Chocolate para passar uma noite de amor num motel.

– Como, senhor? – Risadas.

– Levar o Chocolate para passar uma noite de amor num motel.

Falávamos com uma voz grossa e séria, eu liguei da primeira vez, mas depois o William assumiu a função.

– Muito bem, senhor, a sua resposta está anotada.

– Obrigado.

O diabo do programa rolava a tarde inteira e as respostas só seriam lidas no final. Esperamos pacientemente até que chegou o momento. Obviamente, a pessoa que escolhia as melhores respostas quis dar uma sacaneada no apresentador e colocou a do Querêncio no meio. Quando o Chocolate leu a resposta soltou um: – Ô Louco! – O cara que apresentava junto com ele caiu na risada e começou a sacaneá-lo. O William e eu só faltávamos enfartar de tanto rir.

Chegamos a ligar outras vezes, mas não ouvíamos a resposta, pois era difícil ficar ali em frente ao rádio por horas esperando o momento exato em que isso aconteceria, porém uma vez ligamos com mais uma resposta debochada e resolvemos esperar. Quando a resposta foi lida pelo Chocolate, o outro apresentador disse:

– Pera aí, esse Querêncio não era aquele que outro dia queria te levar pro motel, Chocolate?

Foi o ápice da nossa zoeira com o Querêncio, nós rimos, rimos, rimos, parecíamos dois completos retardados.

Depois desse dia ainda ligamos mais uma vez, mas depois desistimos. Definitivamente não dava para ficar esperando as respostas que nunca tinham uma hora exata para irem ao ar.

Algo que surgia aleatoriamente nas nossas conversas era a questão do Oscarito. O que diabos seria isso? Certa vez, conversávamos sobre algum assunto qualquer, não me recordo qual, quando começamos a falar sobre o programa do Chaves. Sim, papo cabeça. Conversa vai, conversa vem, o cara me solta a pérola:

– É uma pena que o Oscarito não faça mais episódios do Chaves.

– Que merda você está falando, cara? O que o Oscarito tem a ver com isso? – Indaguei.

– Ué, o Oscarito, o cara que faz o Chaves...

Parei por alguns segundos para processar o que havia acabado de escutar e soltei:

– É Chespirito, seu retardado! – Desatei a rir.

(Para quem não sabe, o ator Roberto Gómez Bolaños, tinha um personagem chamado Chespirito e acabou sendo conhecido por essa alcunha).

– Ah é, Chespirito, quem é Oscarito, então?

– Era aquele ator brasileiro, de comédias. – As risadas não paravam.

– Ah, pode crer...

– Moleque, você é muito retardado, vou te zoar com isso o resto da vida.

– Eu nego, se você falar isso eu nego até a morte.

E assim foi ao longo dos anos. Do nada eu soltava:

— E o Oscarito?

O William retrucava:

— César, você é louco, inventou essa história, isso nunca existiu!

— Vai continuar negando? — Eu insistia.

— Até a morte! — Nós dois caíamos na risada.

E, literalmente, ele negou essa afirmação até o dia de sua morte. Acho que deve estar orgulhoso por ter cumprido com sua palavra.

Para quem não conheceu o William desde moleque, vai aí uma informação, provavelmente, desconhecida. Até os seus vinte e três anos, mais ou menos, ele era completamente incapaz de falar um único palavrão. Verdade. Ele ficou com a boca mais *sujinha* depois de entrar para a Academia da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Esse fato rende uma história que sempre nos fazia rir. Se não estou enganado, o William e a Tatiana ainda estavam namorando quando, um dia, fomos a uma pizzaria. Papo vai, papo vem, rolou uma conversa mais ou menos assim.

— Rodrigo (Sim, algumas pessoas me chamam de César e outras de Rodrigo), você precisa dar uns conselhos para esse seu amiguinho aí, porque ele anda falando muito palavrão. — Falou a Tatiana.

— Verdade, mas eu mesmo não consigo me policiar direito, vou tomar conta do cara? — Respondi. — Você sabia que quando seu namorado era moleque, era incapaz de falar um palavrão?

– Sério isso? Não consigo nem imaginar.

– Pois é, ele não falava merda ou bosta, nada. Eu morria de rir, porque quando estava muito nervoso, com muita raiva mesmo, ele fechava os punhos, começava a tremer, ficava vermelho e soltava um sonoro: – POMBAS!

Eu contava isso, enquanto personificava uma imitação escrachada do William. A Tatiana e a Kaliny quase cuspiram o que tinham na boca. Nós quatro rimos demais. Realmente, para quem conheceu o cara apenas depois dele entrar para a PM, imaginá-lo não falando nada além de pombas, era muito engraçado. Volta e meia eu soltava: – POMBAS! Só para lembrar essa época. O que sempre gerava risadas. Era realmente muito engraçado.

Outra situação rápida e cômica que passamos foi numa vez em que convidamos a Tatiana, a Vitória e o William para irem à nossa casa. A Kaliny fez a famosa pizza de pão de queijo, uma coisa realmente deliciosa que ela havia aprendido. Papo vai, papo vem, a Tatiana quis saber a receita. Minha esposa explicou em detalhes, disse tudo que tinha que comprar, como fazer, etc, até a hora de levar ao forno.

– Quanto tempo eu deixo no forno? – A Tatiana indagou.

– Bom aí, vai depender do forno. – Intrometi-me.
– Nessa merda de fogão que nos deram, leva cerca de tantos minutos (já não lembro mais)!

O William estava mastigando e quase cuspiu o que tinha na boca. Após conseguir engolir, caiu na gargalhada e

todos nós o acompanhamos. Tudo bem, o que há de tão engraçado nisso? Alguém me perguntaria. A graça estava no fato de que quem nos dera o fogão de presente havia sido o próprio William. Não, eu não tinha me esquecido disso, falei de propósito para zoar mesmo e ele percebeu, caindo na risada.

— Bom, foram vocês que escolheram! — Ele se defendeu.

Era verdade mesmo, a Kaliny tinha selecionado e montado a lista de presentes em um site e o William comprou lá para nós.

— Eu sei, mané, estava apenas te zoando! — O fogão nem era ruim, era até de uma marca boa, na verdade.

Voltando a falar sobre nossa paixão por Tv, havia, no final dos anos noventa, um programa que mostrava curiosidades sobre o universo da televisão, especialmente comerciais e todo tipo de peças publicitárias. Falava-se sobre os prêmios concedidos aos melhores, tanto no Brasil quanto no resto do mundo. Tratava de comerciais curiosos, engraçados, os mais caros, os que tinham dado errado e também dos famosos comerciais banidos pelas mais diversas razões.

Eu tinha por hábito gravar esse programa, assim como gravava vários outros. Devo lembrar que não havia as facilidades da internet de hoje onde, com uma simples pesquisa no *Youtube*, encontra-se tudo o que se procura com respeito a vídeos. Enfim, dentre os comerciais banidos, um deles me chamou a atenção e eu chamei o William para

ir até minha casa ver a fita que eu tinha gravado.

Resumidamente, o comercial retrata uma família (na Holanda, se não me engano) que entra no carro para um passeio. Assim que o chefe da família gira a ignição, o rádio é ligado e uma música começa a tocar. Inicialmente, o casal se olha de um jeito estranho e as crianças parecem um pouco apreensivas, mas logo todos começam a sacudir ao som da música e partem felizes para o seu destino.

O detalhe da bela canção é que ela estava em inglês e repetia uma frase vulgar, com conotações sexuais. A mensagem da propaganda era: Aprenda inglês! Na minha opinião, tratava-se de um comercial bem bolado, mas a frase cantada na música fez com que fosse banido.

Quando o William assistiu à fita, começou a rir incontrolavelmente, de seu modo todo peculiar. Eu ria demais junto com ele.

– Rebobina aí, irmão, passa essa parada de novo! — Ele pediu algumas vezes.

E ríamos novamente.

Esse comercial entrou para a galeria das recordações constantes, recentemente o procurei e o encontrei no *Youtube*, mandei o link para o William, que não acreditou e respondeu comentando sobre o quanto já rira com aquilo. Essa é mais uma coisa que eu não consigo lembrar ou rever, sem pensar no meu amigo.

Nos últimos anos de nossa convivência, inauguramos uma nova besteira que, mais uma vez, não sei dizer como começou. Só sei que a partir de um dado momento

tornou-se corriqueiro o seguinte diálogo:

– William, vou ali usar seu banheiro. – Informava.

– Mas o que você vai fazer? – Ele indagava.

– Vou cagar, é claro! – Eu respondia.

– Ah, bom! Pensei que você fosse mijar... Aí já seria muita nojeira! – Ele completava.

Era isso, ou então:

– César, deixa eu usar seu banheiro! – Ele pedia.

– Beleza, mas você não vai mijar não, né? – Era a resposta.

– Claro que não, você acha que sou porco? Nossa, que papo nojento esse seu. Até parece que eu ia sair de casa pra ir mijar na casa dos outros. – A resposta vinha acompanhada da sua risada.

Era sempre essa a brincadeira, cagar tudo bem, sem problemas, mas mijar... Ah, aí já era imundície demais!

Uma última historinha para terminar esta seção. Após se formar na Academia da Polícia Militar, o William ainda estava no Rio de Janeiro antes de, finalmente, voltar definitivamente para Resende. Um dia, veio passar um final de semana em casa e me chamou para dar uma passada lá para trocarmos uma ideia. Logicamente, não perdi a oportunidade, pois estava já bastante difícil conseguir encontrar com meu amigo.

Enfim, encurtando a conversa, ele fez uma zoeira que eu nunca mais esqueci. O William começou a falar sobre suas atividades como PM, contou algumas histórias e, no final, falou sobre seu novo uniforme e quis mostrá-lo a

mim. Fomos até seu quarto, onde vimos a farda.

Do nada, ele larga a roupa e se joga em cima da cama, cruza as mãos sobre o peito e fecha os olhos.

– Este sou eu dormindo! – Ele disse. – Quer me imaginar trabalhando? É a mesma coisa, só que fardado.

E começou a rir igual a um retardado. Claro que não aguentei e caí na risada também. Não passava de uma brincadeira, pois o cara era viciado no que fazia. Quando cuidava das estatísticas do Batalhão de Resende, era muito comum, inclusive, levar um monte de serviço para casa. Ele chegou a comprar uma impressora laser, só para poder imprimir os relatórios. O William era um cara muito dedicado.





Nem Tudo Era Zoeira

Os leitores que tenham chegado até este ponto devem imaginar que nossa amizade era uma eterna zoeira. Para essas pessoas eu digo que, sim, vocês estão certos. Brincadeiras à parte, nem tudo eram zoeiras, muitas vezes nos encontrávamos e fazíamos coisas normais, ainda que esses momentos invariavelmente fossem entrecortados por novas piadas que entrariam para nosso rol de lembranças e galhofas.

Tenho muito gravado na minha mente uma vez em que cheguei na casa dele com um Cd que eu havia comprado. Para dizer a verdade, adquiri uma coleção composta por três discos de um anúncio da televisão unicamente por causa de uma ou duas músicas. Pois é, era uma época onde não havia mp3 para baixar na internet e nem *Google* para pesquisar as coisas. Uma das músicas era a *Bad Boys* de *Midi, Maxi & Efti*. Como já falei, nadinha de *Google* e eu queria muito saber a letra da música que curtia bastante e que não veio nos encartes.

Qual foi a solução? Levar o disco até a casa do William e, juntos, tentarmos entender e escrever o que elas estavam cantando. Àquela altura, nosso inglês ainda era meio bruto, meio arranhado, então tivemos que ouvir pedacinho por pedacinho várias vezes, até entendermos e termos certeza de que a letra estava correta. Que paciência, ainda mais da

parte dele que não estava nem aí para a música, mas que não poupou esforços para me ajudar. No final, fizemos um trabalho bastante decente, pois conseguimos extrair a letra quase que cem por cento corretamente. Decorei a música e acho que ainda a sei quase toda até hoje.

Outra coisa que sempre recorro de nossos encontros era de sua insistência em aprender violão. Até onde sei, ele não tocava nada. Aprendeu o solinho de abertura de *Come As You Are* e já achava que sabia muito. Ele até chegou a me ensinar esse solo, mas não me recorro mais. Por vezes, enquanto conversávamos, ele pegava o violão de seu pai, sentava-se em pose de *tocador* e ficava lá dedilhando algumas coisas como se fosse um grande instrumentista.

É óbvio que perto de mim que não sei nada até hoje, ele parecia ser bom, mas era mais enganação mesmo, pelo menos até onde sei. Contudo, ele não desistia. Sempre me dizia que praticava, que estava aprendendo com o pai, etc e tal, mas e eu acreditava? Como ele podia praticar tanto se eu estava sempre por perto e mal o via tocar? Eu o zombava muito com isso.

Se tivesse que escolher um lugar, um *point*, por assim dizer, além de nossas casas, esse lugar definitivamente seria o trailer Forte Apache. Toda vez que íamos ao cinema, ao *shopping*, ou fazer alguma outra coisa e que estivéssemos próximos daquele local, lá íamos nós pedir o nosso Bauru com pão de hambúrguer e carne de hambúrguer e o nosso Guaraviton. Era quase uma regra.

Perdi as contas de quantas vezes paramos ali, pedi-

mos nosso lanche e ficamos conversando sobre tudo e sobre nada. Muitos dos nossos papos mais cabeça, ainda que misturados com brincadeiras, se desenrolaram ali. Muitas dúvidas, preocupações e momentos alegres foram compartilhados naquelas mesas de plástico, próximo ao rio Paraíba e ao lado da oficina cheia de óleo e graxa espalhados pelo lugar de onde os clientes usavam o banheiro emprestado.

Muitas vezes fomos para lá relembrar os velhos tempos apenas para termos um ambiente diferente (e ainda assim tão familiar) para conversar, para sermos apenas dois estranhos aos que nos cercavam, rindo e falando sobre a vida. E como era bom.

Uma das coisas mais difíceis em ser amigo do William era ser atendido por ele. Vocês não fazem ideia. Sempre que eu ia até sua casa, mesmo da esquina, era possível escutar a música alta, normalmente alguma banda de rock antiga como *Pink Floyd* ou *Queen*. Diante do portão eu vivenciava um filme de terror. Gritava, gritava, gritava, mas o som alto tornava impossível que ele, ou alguém mais da casa, pudesse me ouvir.

Nas primeiras vezes, ainda inocente e inexperiente, ficava me esgoelando, chamando e chamando, porém, com o tempo peguei a manha e aprendi o modo correto de proceder: Eu parava em frente ao portão e, ao invés de ficar gritando, esperava que a música terminasse. Assim que dava aquele pequeno intervalo de uma faixa para a outra, eu aproveitava e gritava a plenos pulmões. Dava certo. Em poucos instantes ele estava na porta com a cara mais sarcás-

tica do mundo, perguntando:

– Ah, você está aí?

Isso deu bastante certo, até o dia em que eu cheguei e estava começando uma versão de mais de dez minutos da música *Time*, do *Pink Floyd*. Pensei:

– Não vou esperar esse tempo todo, nem a pau! – Pulei o muro (que não era alto) e esmurrei a porta da sala. Ele apareceu, muito assustado, abaixou o som e disse algo do tipo:

– Calma, irmão, também não precisa derrubar a porta.

– Preciso sim, senão ia ficar o dia inteiro esperando essa droga acabar.

Ele deu uma gargalhada e abriu a casa para que eu entrasse.

Por brincadeira, eu passei algum tempo de nossas vidas falando que o William era um preguiçoso, vagabundo e que ia terminar pedindo esmolas na rua para sobreviver. Ele caía na risada e dizia fazer de tudo para evitar a fadiga (expressão sempre repetida pelo Jaiminho, do programa Chaves). Claro que era na sacanagem, pois apesar de ser acompanhado por uma preguiça crônica, o William sempre foi um cara bastante inteligente.

Dito isso, é impossível falar sobre esse cara, sem comentar sobre seu primeiro emprego. Ele tinha dezoito ou dezenove anos, já não tenho certeza, quando uma pessoa da igreja ligou para ele.

– Oi, William, tudo bem? Tenho um conhecido que

tem um curso de idiomas e está precisando de alguém para ficar na recepção. Como você está se preparando para a missão e precisa juntar um dinheiro, pensei em você. Está interessado?

– Sim, sim, posso ver qual é a desse trabalho aí. Onde é? – Obviamente eu não participei do diálogo, mas imagino perfeitamente ele falando essa frase.

A pessoa passou as coordenadas e lá se foi o William em busca de seu primeiro emprego. Segundo seu próprio relato, ele fez uma pequena entrevista e, por ter sido recomendado por alguém de confiança, logo foi contratado. Como o dono do curso estava precisando muito, pediu que o William começasse naquele mesmo dia e ele concordou, ficando por lá e iniciando o trabalho.

– E aí, cara, como está o serviço? – Perguntei, cerca de dois dias depois.

– Não sei, não fui mais! – Ele respondeu.

– Como assim? Por que você não foi mais? – Fiquei espantado.

– Sei lá, serviço *sacal*, o chefe era chato pra caramba...

– Cara, você só ficou lá dois dias, como pode saber se ia gostar ou não?

– Na verdade eu só fiquei o primeiro, no dia seguinte não voltei mais. – Ele falava aquele absurdo com uma naturalidade, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

– Que isso, cara! E o que o seu chefe falou?

– Não sei, não falei mais com ele!

— Você nem ligou, não avisou, não falou nada?

— Não, simplesmente não apareci mais, ele vai entender o recado.

Não sabia se ria ou chorava, mas depois eu ri tanto. Como eu o zoava com seu emprego de um dia só. Ainda sacaneei, perguntando se não cobraria pelo dia trabalhado, mas ele disse que não, que deixaria quieto. Como se o cara realmente fosse pagar algo caso ele aparecesse lá com sua cara de pau. Esse fato só reforçou minha tese de que ele acabaria se tornando apenas um mendigo.

Numa das conversas mais sérias que tivemos, quando ele já trabalhava como policial militar em Resende, fiquei bastante preocupado com meu amigo. Talvez seus parentes não soubessem disso até hoje, não sei se ele algum dia chegou a comentar algo, tempos depois da situação ter passado, mas um dia nos encontramos apenas para bater papo e eu perguntei como estavam as coisas.

— Fui ameaçado. — Falou com um sorriso irônico.

— Como assim, cara? Que história é essa? — Eu já esperava que viesse alguma besteira.

— Nós prendemos uns vagabundos numa operação esses dias, então alguém ligou para o batalhão me ameaçando.

— Que isso, cara! Sabiam teu nome, quem você era?

— Fiquei preocupado.

— Eles disseram assim: Se vocês não soltarem nossos amigos, vamos matar o tenente que vai a pé todos os dias de casa para o batalhão! — Só isso!

– Só isso? Tá maluco, cara? Eu já falei para você parar com essa merda de ficar indo a pé de casa pro batalhão e do batalhão pra casa, ainda mais fardado.

– Não, tá tranquilo. Só não comenta com ninguém, porque não quero que a minha família fique preocupada.

– E aí, cara? Vai continuar indo a pé, sozinho?

– Irmão, o pessoal do batalhão sabe quem é a turma que tá ligando, já foram lá e deram o recado... Se eu me cortar fazendo a barba, vai sobrar pra eles. Fica tranquilo!

– Cara, toma cuidado, na moral!

– Tá tranquilo irmão, tá tranquilo!

O papo tomou outros rumos, mas eu fiquei bastante preocupado com aquilo embora ele não parecesse incomodado. Não sei se era maluco ou corajoso. Provavelmente levava uma dose dos dois.

Outra constante preocupação que eu tinha era com sua saúde. Já não me lembro como, nem porque, porém, um dia ele me disse que fora a um médico que o informara sobre a possibilidade dele ter um aneurisma cerebral. Era algo genético, e parecia que as probabilidades eram grandes. O médico recomendou que fizesse alguns exames para se certificar de que tudo estava bem, mas dessa vez acredito que o medo falou mais alto.

Frequentemente eu o questionava, indagando se já tinha corrido atrás dos exames.

– Ainda não, parceiro, mas qualquer dia eu vejo essa parada aí, pode deixar. – Ele tentava soar despreocupado, mas era perceptível seu incômodo com o assunto.

Ao longo de vários anos esse tipo de questionamento se repetiu. As respostas, e desculpas, eram sempre as mesmas. Já na polícia militar, chegou um momento em que pediram alguns exames obrigatórios. Dentre eles, havia um que revelaria a existência ou não de aneurismas. Ele, mais uma vez, tentou transparecer indiferença, mas estava claro que, se pudesse, evitaria o exame e seu resultado. Algum tempo depois me ligou:

– Os exames ficaram prontos. – Informou.

– E aí? – indaguei.

– Está tudo tranquilo, cara.

– Viu, retardado, tantos anos sofrendo com isso, com a dúvida... Tivesse feito essa merda antes, não tinha passado cagaço.

– Eu já sabia que não ia ter nada, tá tranquilo, tá tranquilo.

Foi um grande alívio para ele, eu sabia, mas foi para mim também.



Igreja

Como já relatei, o William se batizou no início de 1997. Ele já era um rapaz sem vícios e, praticamente, sem vida social, então não foi nada difícil para ele. Aliás, foi fácil, pois com os novos amigos, ele finalmente começou a se socializar mais.

Além de nos encontrarmos todos os Domingos, assistíamos as aulas do seminário (uma classe de estudos para os jovens que acontecia durante a semana). Como aprontávamos nessas oportunidades. Uma das coisas mais marcantes eram as aulas na casa da Ana Lúcia. Assim como na escola, do nada, quando menos se esperava, começávamos a gemer alto.

– Ahhmm, aahhh, uhhmm, uuhmm, ahhhmm.

A Ana Lúcia não entendia nada e ficava doidinha com a gente. Os outros alunos começavam a rir e a professora ria sem graça, como se estivesse perdendo alguma piada, mas não era culpa dela, não havia piada, éramos apenas dois retardados gemendo alto no meio da aula sem nenhum motivo. Sempre falávamos sobre isso e ríamos da nossa leseira.

Além disso, tocávamos o terror no seminário com piadinhas e comentários aleatórios, muitas vezes dando respostas que não tinham nada a ver com o assunto somente com o intuito de dar mais uma risada. E nós ríamos mui-

to, brincávamos muito. Normalmente íamos e voltávamos dessas aulas a pé, sempre dando aquela paradinha na casa dele para alongar a conversa.

Houve um período em que fomos chamados como Missionários de Estaca. Para quem não sabe o que é isso, hoje chama-se Missionário de Ala e tínhamos, entre outras funções, a responsabilidade de ajudar os recém conversos da Igreja. Íamos até a casa das pessoas e ensinávamos as palestras de membros novos, uma em cada visita. Fazíamos aquele trabalho com gosto e, para dizer a verdade, éramos a única dupla que realmente funcionava. Então, somou-se a todo aquele cronograma acima o tempo que passávamos juntos ensinando as pessoas. Tivemos muitas experiências bacanas. Era um trabalho voluntário do qual nos orgulhávamos.

Essa experiência, de certo modo, nos preparou para os dois anos que viveríamos em breve, servindo em tempo integral como missionários. Ao longo de meses, fugimos de cachorros na rua, tomamos chuva, pessoas furaram o compromisso conosco, enfim, uma pequena amostra de tudo que enfrentaríamos num futuro próximo, só que em escala muito maior.

Na Igreja, costumávamos jogar futebol todas as semanas. Como já relatei, o William até que não passava vergonha e jogava direitinho. Quando faltava apenas uma semana para ele partir em missão, estávamos jogando na Capela, quando chegou a vez dele ir para o gol. Atuávamos em times opostos, eu no ataque e ele defendendo.

O jogo transcorria normalmente, sem maiores destaques, até que aconteceu a jogada que nos marcaria para sempre. Eu estava livre pela esquerda, virei de costas para o gol e pedi a bola. Alguém do meu time rolou a pelota bem redondinha na minha direção. Dei um passo à frente, como se fosse dominar e girar. O William estava atento e se antecipou para encurtar meus espaços. Porém, quando ele menos esperava, ao invés de dominar, eu abri as pernas e deixei a bola passar. Quando a redonda estava atrás de mim, dei de calcanhar e ela atravessou caprichosamente entre as *canetas* do William, indo morrer nas redes.

– É o gol de despedida, é o gol de despedida! – Gritou uma pessoa de fora.

Virei para o William, mostrei a língua e comecei a zombar e rir sem parar. Ele ficou num misto de raiva e sem graça pelo lance. Foi hilário. O pessoal zoava e vaiava. Ele poderia ter ido para a missão sem passar por essa.

Durante os anos eu relembrei essa história algumas vezes, mas era mais uma daquelas que ele se recusava a reconhecer que havia acontecido e sempre me chamava de louco. No fundo, ele se lembrava muito bem, seu sorrisinho não deixava esconder esse fato.

Durante meses, essa foi a nossa rotina. Desde que havíamos nos conhecido, no final de 1996, até Setembro de 1999, quando ele saiu para servir na missão Brasil Campinas, por dois longos anos. Devo ter escrito alguma carta para ele enquanto ainda estava em casa, ou talvez não, vai saber... Porém, não demorou muito até que eu partisse em

missão também. Dia seis de janeiro de 2000, saí de Resende para servir como missionário no Rio Grande do Sul, na Missão Porto Alegre Norte, também por dois anos.

Este escrito não se trata sobre a vida de um missionário, portanto não irei me aprofundar nisso. Vale, porém, destacar que estávamos sempre estudando ou ensinando. Nossa rotina na missão, basicamente, se resumia a:

Acordar às 6h30, tomar banho, lanchar, estudar os manuais e as escrituras e sair de casa às 9h30. Tínhamos compromissos marcados, falávamos com as pessoas nas ruas, frequentemente marcávamos mais compromissos. Ensinávamos as pessoas, acompanhávamos o progresso daqueles que se interessavam e, eventualmente, os batizávamos. Uma rotina dura e corrida.

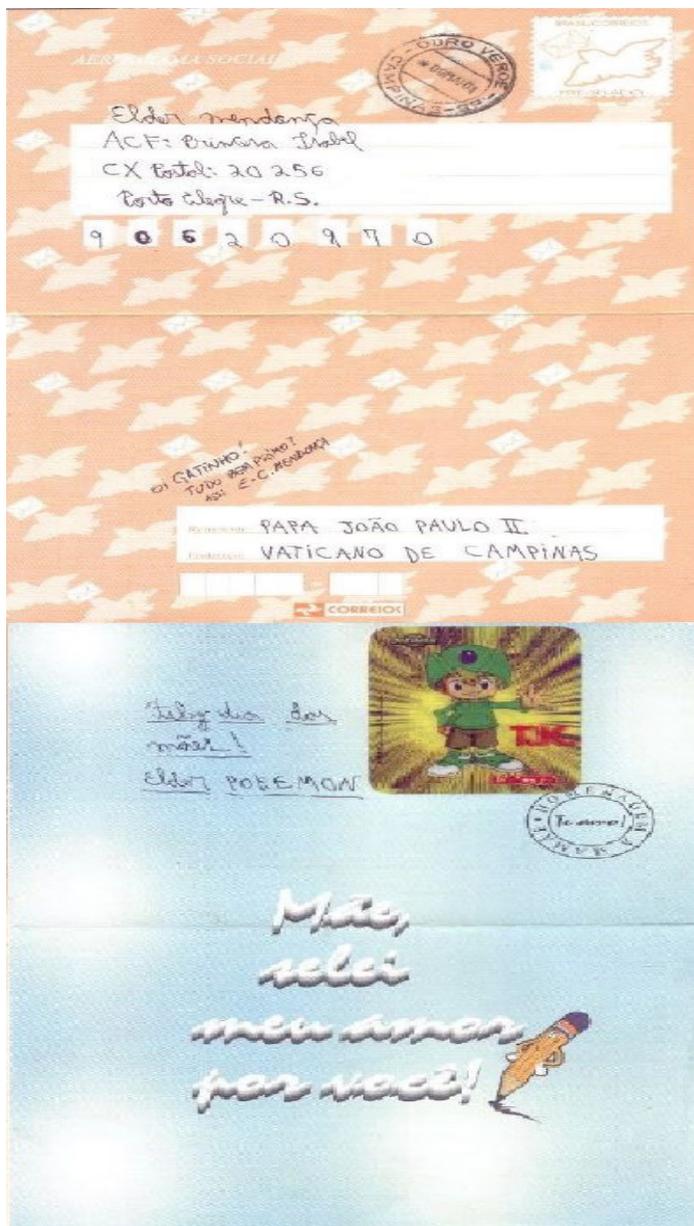
Porém, sempre tínhamos um dia livre na semana para limpar nossa casa, lavar a roupa, fazer compras, praticar algum esporte e, entre outras atividades, escrever cartas para os familiares e amigos (naquela época poucos usavam ou sequer tinham endereços de e-mail, então o comum era que escrevêssemos cartas). Sinceramente, não me recordo se mandei alguma correspondência para o William, porém, se fosse arriscar um palpite, diria que sim. Certamente enviei alguma coisa, fiquei sem resposta e não escrevi mais. Pelo pouco que me recordo, acho que nem para seus pais o safado escrevia direito, quanto mais para mim. Depois de muitos meses, quando não esperava mais nada, surpreendentemente recebi uma carta, entregue pelos Elderes do escritório da missão.

Talvez a imagem não esteja muito legível, mas é interessante destacar que o cara era tão sacana que teve a coragem de escrever em determinado momento: “O quê?! Não têm recebido minhas cartas?! Esses correios... Hehehe!”, colocando nos correios a culpa por eu estar há quase dois anos sem notícias suas, como se me escrevesse e as cartas nunca fossem entregues. Destaco ainda sua afirmação de que já estava há vinte meses na missão, ou seja, próximo de retornar para casa quando, finalmente, resolveu me escrever.

Curioso também é ver escrito o *mmmmmanerasso*. Além disso, ele lembrou dos atrasos da escola, mas me incluiu neles o que não era verdade, visto que eu costumava chegar às 6h30 quase todos os dias. É sério, eu chegava super cedo mesmo, não que eu fosse alguma espécie de aluno modelo, mas além de querer pegar o ônibus vazio, eu sempre chegava e descobria que tinha algum trabalho, tarefa ou prova para aquele dia que eu não tinha feito ou estudado. Então, aproveitava esse tempo antes das aulas para fazer os trabalhos (copiar de alguém), ou dar uma lida na matéria.

O William chegou ainda a me enviar um cartão do dia das mães. Isso mesmo, do dia das mães, onde me parabenizava pela data. Para completar a loucura, colocou no remetente: “Papa João Paulo II – Vaticano de Campinas.” Vai entender. Depois disso, nenhuma única cartinha mais. Ele retornou para sua casa em setembro daquele ano (2001) e eu ficaria ainda mais três meses, até 2 de janeiro de 2002.

Meu Amigo William



Para encerrar este tópico, relembro uma situação rápida e engraçada que aconteceu uma vez na Igreja. Eu estava no corredor, saindo de uma aula, quando aparecem o Noel e o William, rindo pra caramba.

– O que houve? – Perguntei.

– Cara, o Zé Carlos dando aula sobre Palavra de Sabedoria, explicava sobre as consequências do uso de certas substâncias, aí ele fala sobre os efeitos devastadores das drogas e me solta:

– Está aqui o irmão William como prova disso, que não me deixa mentir!

O Noel contou sem conseguir cessar o riso.

– Caraca, te chamou de drogadito assim, na cara, William? – Comecei a rir. – Como foi que ele te descobriu?

– Pois é, o cara fala de drogas e aponta para mim, não sei o que ele estava querendo insinuar com isso! – Falou em tom debochado.

O cara era mesmo uma figura.



E A Vida Nos Atropelou

Depois da missão, nossa amizade permaneceu, mas nossa convivência nunca mais foi a mesma. Lembro-me do dia em que convidei o William para sair e fazer alguma coisa e ele me disse que não daria. Travamos um diálogo mais ou menos assim:

– Foi mal, parceiro, mas não vou poder. Estou estudando pra caramba. Vou fazer prova para a PM do Rio.

– Ele disse.

– Você? Estudando? Não mete essa, moleque, tá de zoação! – Sacaneei.

– Estou falando sério, cara, preciso estudar muito, não vai dar para sair, foi mal.

– Tudo bem, eu entendo. – Falei um pouco decepcionado sem imaginar que o período de enclausuramento ainda se estenderia e muito.

Tenho que ser sincero e admitir que, na época, não acreditei muito nessa história. Eu nunca tinha visto o William estudar daquela forma. Abrir mão de dar um rolê ou conversar para ficar com a cara enfiada nos livros? Pensei que ele não fosse aguentar o ritmo. Contudo, nos meses seguintes eu praticamente não o vi. Ele se dedicou mais e mais, estudou o que jamais tinha estudado a vida inteira

e foi preparado e confiante realizar as provas da primeira etapa do concurso.

Por coincidência, no dia em que o resultado saiu, eu estava na casa de meu amigo. Foi com muita alegria que ele viu seu nome na lista de aprovados para a segunda fase. Fiquei muito feliz e ciente de que nos próximos meses ele ficaria fora da área de cobertura novamente. Contudo, eu não me preocupei com isso, minha alegria por ele era genuína. O fato de não podermos fazer praticamente nada juntos não abalaria nossa amizade, assim como os anos longe também não o fizeram. Eu estava realmente de boa com a situação e torcia por ele.

A segunda fase veio e, mais uma vez, ele foi aprovado. Foi uma alegria muito grande. Aparentemente, minha previsão de que ele não seria nada além de um mendigo não iria se concretizar. Durante os três anos seguintes, o William passaria mais tempo no rio, na Academia da Polícia Militar, do que em qualquer outro lugar. Em algumas oportunidades, quando vinha a Resende, conseguíamos combinar para fazer alguma coisa. Às vezes, saíamos para dar uma volta, ir ao Forte Apache, ou jogávamos *WAR*, como nos tempos antigos.

Essas partidas de *WAR* nos traziam sempre muitas lembranças. Normalmente, jogávamos com seu pai, Luiz, sua irmã, Stephanie e seu primo, Filipi. O William sempre corria para pegar os exércitos vermelhos, essa era sua marca. Para evitar problemas, normalmente, retirávamos as missões de destruir exército dessa ou daquela cor. As par-

tidas eram sempre muito acirradas e os ânimos acabavam ficando exaltados. Uma cena clássica que eu sempre zombava do William, aconteceu numa partida que já durava horas.

Do nada, o Luiz começou a atacar os territórios do William. Rodada após rodada ele era acachapado por seu pai, que não atacava ninguém mais além dele. A coisa estava se tornando pessoal. Em determinado momento, ele se irritou:

– Cacete, velho! Para com essa merda! Para de me atacar, sua missão não é destruir os meus exércitos, não! – Ele dava socos na mesa e pulava.

Nós caímos na gargalhada enquanto o Luiz tentava explicar que não era nada pessoal, que aquilo fazia parte do jogo.

– William, ele ataca quem quiser, deixa teu pai jogar. – Tentei encerrar a discussão.

– Não, não, ele está de sacanagem comigo, está me atacando de propósito!

– E daí, cara? Ele faz o que quiser... Melhor ainda que enquanto te ataca, me deixa quieto! – Todo mundo ria, menos ele.

E lá vinha outra rodada, e lá vinham novos ataques do Luiz contra seu filho.

– Para, velho maldito! Para de me atacar! – E lá vinham novos socos na mesa.

Eu não faço a menor ideia de quem ganhou aquela partida, ria tanto da raiva do William que foi apenas isso

que me marcou. Esses ataques de ira durante o jogo aconteceriam outras vezes. Era cômico ver um cara tão tranquilo se transformar por uma coisa tão banal, nem mesmo no futebol esse espírito competitivo baixava nele. Esses eram os únicos momentos em que o William realmente ficava transtornado. E era engraçado demais de se ver.

Outra coisa que o deixava puto era o fato de eu sempre derrubar os dados no chão. Nós os atirávamos dentro das caixas do jogo, para não deixar cair nem derrubar nada no tabuleiro, mas eu sempre conseguia atirar os dados e fazê-los voar pela cozinha. Ele reclamava disso e dizia que eu era retardado.

— Caramba, César, joga essa parada direito. O tamanho da caixa não está bom para você, não? É muito retardado! — Ele dizia.

Ao longo dos três anos de sua formação policial, nós nos víamos quando era possível. William me contava vários casos engraçados da academia, como a vez que um colega jogou uma bomba de gás lacrimogênio no meio de um campo de futebol sem querer. Comentava das provas, dos professores, dos amigos. Eram muitas histórias boas. Às vezes até as repetia, mas eu escutava novamente, pois ele tinha um jeito todo peculiar de contar seus casos.

Certa vez, comentando sobre as provas, suas notas e sua classificação (que influenciava na escolha do local onde serviria, após formado), o William disse que estava lá pelo meio da turma. Brincando com ele sobre a posição, falei algo mais ou menos assim:

– Que isso, cara? Deixa de fazer vergonha, você tem que se esforçar mais, tem que melhorar, quero ver você nas cabeças da classificação da turma!

– Parceiro, eu não preciso ficar na frente de todo mundo, só preciso ficar na frente de quem está querendo ir para Resende, para eu poder escolher primeiro. – Ele foi bastante prático.

– Você é um safado, mesmo!

– Safado, não! Faça apenas o esforço necessário para não me desgastar muito. – E lançou sua risada escandalosa e irônica.

Essa era outra das características dele, o esforço na medida certa, apenas o suficiente para conseguir o que almejava. Como era um cara muito simples e humilde, normalmente não almejava muito.

Seu período de Academia terminou e ele se formou um policial militar para orgulho e alívio da sua família. Eu sempre dizia que ele não ia prestar para nada, que ele era muito vagabundo para fazer qualquer coisa (na brincadeira logicamente), mas ele estava ali mostrando a todos que era capaz. Estava muito orgulhoso do meu amigo. Minha única preocupação era saber em qual batalhão ele iria trabalhar. Meu interesse era que o William viesse, pelo menos, servir em Resende.

Ele fez o estágio no Rio de Janeiro, já não me lembro por quanto tempo, mas sei que foram alguns meses. Em um de nossos encontros, enquanto contava como era a vida no estágio, relatou algo que nunca mais esqueci.

— Irmão, eu estava numa operação perto de uma favela. Nós estávamos trocando tiros com os marginais quando ouvi uma bala passando, bem ao lado da minha orelha... Zuuuummm. Cara, eu parei um segundo e pensei: Maluco, aqui não tem continue. — Fazendo uma referência aos jogos de vídeo game, onde você pode morrer e, simplesmente, apertar o botão continue e prosseguir com a partida.

Era um serviço perigoso, mas ele vibrava, adorava o que fazia. Quase sempre me contava alguma coisa que tinha acontecido, sempre feliz, sentindo orgulho. Na época em que fez a prova, ainda tentou me convencer a me inscrever também. Agradei, mas disse que aquilo não era para mim. E não era mesmo.

Não tardou muito para que fosse definitivamente transferido para o batalhão de Resende. Fiquei feliz, pois poderia encontrá-lo mais frequentemente. Não tinha a ilusão de que as coisas voltariam a ser como quando éramos moleques. Havíamos crescido, tínhamos responsabilidades, trabalho. Muitas vezes não conseguia falar com ele, pois estava de serviço. A escala era bastante puxada. Quando não estava trabalhando, estava cansado demais, pois tinha virado toda a noite de plantão.

A vida nos atropelou.

Em meio a estudos, trabalho, relacionamentos e compromissos, passamos a conviver cada vez menos. 2007 chegou e eu me casei. Lógico que ele teria que ser um de meus padrinhos. O convite foi feito e aceito. Porém, a vida continuava passando sobre nós como um rolo compressor.

Os dias que caminhavam conosco pelas ruas lá em 1997, passaram a correr, voar, sumir e a nos deixar para trás.

Claro que ainda saíamos de vez em quando e isso me faz recordar outro fato que comentávamos esporadicamente. Numa dessas saídas, minha esposa, Kaliny, o William e eu resolvemos ir até uma pizzaria da cidade. Ao chegarmos lá, achamos que o lugar estava fechado, mas olhando bem, percebemos que não. Havia, literalmente, uma pessoa no restaurante, um senhor sentado em uma mesa mais para o fundo. Fomos atendidos e escolhemos comer um rodízio.

O garçom veio com uma pizza de muçarela. Nós rejeitamos. Voltou com outra de milho. Nenhum de nós quis. Depois transformou a de milho em calabresa. E assim foi. A impressão que dava é que ele ia e voltava com a mesma pizza, somente alterando ou acrescentando ingredientes. Achamos que, por não haver ninguém além de nós, teríamos o melhor e mais exclusivo atendimento de nossas vidas, mas foi um dos piores rodízios que comemos. Enfim, as pizzas foram péssimas, mas a história ficou para sempre. Toda vez que falávamos em pizza, lá vinha a história daquele maldito rodízio, repleta de gargalhadas.

Em 2008 nasceu minha filha, Ana Carolina, meu tempo estava cada vez mais escasso, mas sempre que possível, nos encontrávamos, embora ele também tivesse muita responsabilidade no trabalho, cuidando das estatísticas do batalhão e muitas vezes levasse serviço para casa. Em 2009, no aniversário de um ano de minha princesa, o William compareceu junto com a sua, então, namorada Tatiana. É

um dos raros registros em vídeo que possuo dele, realmente uma relíquia que preservarei para sempre.

— Tio William, tia Tati! — Falei, assim que chegaram. — Deixem um recadinho para a Ana Carolina, vocês dois!

— A Ana Carolina é uma bebê encantadora, muito fofa! — Respondeu a Tatiana.

— Eu assino embaixo. — Disparou o, econômico com as palavras, William.

— Não, William, não tem essa de assino embaixo, não! — Retruquei.

— Tem sim, e eu assino embaixo.

— Foi o primeiro bebê que o William pegou. — A Tatiana completou.

— Viu só! — Eu ri.

— É! — Ele respondeu.

Momentos mais para a frente da festa, tornei a importuná-los:

— Olha que romântico. — Falei ao me aproximar do casal, que estava abraçado.

— Seu amigo é um xaropinho, né? — A Tatiana riu.

— Rapaz! — Imittei o boneco do programa do Ratinho.

— Ele está brincando com essa câmera, aí! — O William respondeu.

— Olha, o negócio é o seguinte, agora que eu filmei vocês dois agarradinhos, William, você não pode mais vacilar. Sábado que vem, quero você de mãos dadas com ela no

calçadão. Porque se ela ficar de saco cheio de você e terminar, vai estragar o filme da minha filha! Entendeu? Agora é até casar! — O William deu sua gargalhada característica.

— Eternamente! — Disse a Tatiana.

— Então para de vacilar, não vai estragar a filmagem da minha filha, hein!

— Ele até melhorou, esses dias ele me pegou e passeou comigo no calçadão, de carro só! — A Tatiana explicou.

— Depois reclamam de mim. Estou em constante progresso, cada vez melhor!

— Mas a pé, você ainda não passeou comigo, não. — Reclamou sua namorada.

— Calma! Um passo de cada vez. — Ele respondeu cinicamente.

Após os parabéns, mais uma vez eu os flagrei. A Tatiana tinha um pratinho com bolo nas mãos.

— Vai, dá um pedaço na boquinha dele, dá! — Provoquei.

— Isso é muito cafona! — A Tati replicou.

— Isso já passou já, é coisa de vinte anos atrás. — Ele disse.

— Ah, você não vai dar um pedacinho de bolo pra ele?

— Isso é muita intimidade pra ficar mostrando assim, é a intimidade do casal! — A Tatiana brincou.

— Isso fica até vulgar na câmera! — O William emendou e nós rimos.

A Tatiana sussurrou alguma coisa no ouvido do William e eu falei:

– Que é isso? Eu filmei!

– Mas você não ouviu o que eu falei! – Ela respondeu.

– Vai ter que chamar aqueles caras, daquele vídeo lá (de leitura labial), mas não dá pra ler, não dá pra ler... – Ele Zoou.

Só para que se torne mais clara a brincadeira, cabe aqui explicar a questão do passeio no calçadão. Cansado pelo trabalho e preguiçoso demais para levantar cedo nos dias em que isso não fosse extremamente necessário, o William normalmente dormia até muito tarde aos sábados. Constantemente a Tatiana reclamava que saía sábado cedo para ir ao calçadão, passear, fazer compras e tudo o mais e que o namorado nunca queria ir com ela.

– Vejo todos os casais andando de mãos dadas pelo calçadão e eu sozinha, como se não tivesse ninguém, porque esse sujeito não quer acordar cedo e sair comigo. – Ela dizia.

Obviamente ele lançava alguma desculpa esfarrapada e gerava risadas. Eu ficava do lado da Tatiana e falava que ele estava vacilando muito, mas não havia quem convencesse o William a acordar cedo num sábado para passear.

– Um dia vai aparecer outro que queira andar de mãos dadas comigo e ele vai ver só! – Ela ameaçava.

O William apenas debochava e não dava a mínima,

até porque ele sabia que aquilo tudo não passava de uma brincadeira, embora a Tatiana realmente ficasse chateada de nunca ter sua companhia aos finais de semana pela manhã.

Em algumas oportunidades, íamos ao apartamento onde a Tatiana morava com sua mãe para nos reunirmos e conversarmos. Recordo da primeira vez em que fomos lá. Só para variar um pouco, a Kaliny e eu havíamos esquecido o número do apartamento e não tinha como tocar o interfone para chamá-los. Tentei ligar para o William, mas só para variar também, ele não me atendia. Diante disso, não vi nenhuma outra solução que não fosse gritar da frente do prédio.

— William! Tati! A gente chegou! — Comecei a berrear.

Os dois apareceram na varanda, assustados, e o William respondeu, dando uma gargalhada em seguida. Esperamos alguns instantes e eles apareceram no portão.

— Pô, vocês demoraram muito! — Reclamei.

— É que a gente veio pelas escadas! — A Tatiana explicou.

— Por quê? O elevador está com defeito? — Indaguei.

— Não, eu estou doutrinando ela a parar com essa preguiça de elevador. Subir e descer escadas é um ótimo exercício! — Ele explicou e nós rimos. — Estou abrindo a exceção agora porque vocês dois estão junto, senão subiríamos pela escada!

E lá fomos nós para uma agradável noite, um ótimo jantar e muita conversa jogada fora.

Dessa época em diante, nossos encontros passaram a ser mais esporádicos. Com o passar dos anos, nos encontramos mais na comemoração de algum aniversário, indo a restaurantes ou na pastelaria do Paraíso, local que ele gostava bastante de frequentar, ou talvez porque lá fosse barato, não sei.

Na verdade, isso é apenas uma brincadeira, pois se tinha uma coisa com a qual o William não se importava, essa coisa era o dinheiro. Ele não economizava na hora de ir em restaurantes, comprar roupas e perfumes. Para tudo isso era bastante mão aberta.

O William e a Tatiana estavam noivos, se não me engano, quando ele veio com a notícia de que faria o concurso interno para o curso de pilotos da Polícia Militar. Mais uma vez ele se isolou e enfiou a cara nos livros. Tenho a recordação dele fazer um curso à distância, mas não me lembro se foi nessa época ou em outra oportunidade, mas ele mais uma vez teve um objetivo e se dedicou. Sumiu também. Recordo da Tatiana reclamando que ele não tinha tempo nem para ela e insinuando que ele sequer ia passar (zoando, ou sério mesmo, vai saber). A gente ria e ele dizia que ia se esforçar para tentar de verdade.

E o concurso veio, depois o resultado e ele tinha passado em primeiro. Que orgulho.

— Irmão, se eu passar nessa parada, vou te pagar um churrasco. — Ele prometeu.

– Quero só ver! – Duvidei.

A data do curso veio, ele foi para Minas, passava ainda mais tempo longe de casa, da família e dos amigos. O curso terminou, ele foi aprovado. Ainda mais orgulho. Nunca imaginei, nem em meus sonhos mais selvagens, que o William viria a se tornar um oficial da PM do Rio e muito menos que se tornaria um piloto de helicóptero.

– Antes eu tinha que tomar cuidado nas ruas para você não me atropelar, agora vou ter que andar olhando para cima também, cara? Sacanagem! – Eu brincava.

Tudo muito bom, ele pilotando pelo GAM (Grupoamento Aeromóvel da PM), acumulando suas horas de voo e super feliz. Volta e meia mandava fotos pilotando, eram sempre muito bacanas.

– E o meu churrasco? – Eu cobrava.

– Calma, cara, eu vou pagar, vou pagar! – Ele enrolava.

Recentemente, numa das últimas conversas que tivemos, eu cobre:

– E o meu churrasco, seu safado?!

– Ih, esquece isso, irmão, esse churrasco aí já prescreveu! – Ele gargalhava.

– Não mete essa, promessa de *churras* é imprescritível, inafiançável e incancelável! – Respondi e ele riu mais uma vez.

E nunca me pagou o bendito churrasco.

A vida continuou passando, assim como meu amigo, voando. Nasceu meu segundo filho, o Matheus. Eles

foram na maternidade nos visitar. Continuamos nos vendo apenas esporadicamente, mas cada encontro era uma festa.

No dia do casamento com a Tatiana, o William estava nervoso, mas visivelmente muito feliz. Fui padrinho dele junto com minha esposa, o que foi uma grande honra para nós. O ciclo estava completo.

Ele prosperava em sua carreira, estava feliz com a esposa, atingia seus objetivos e amava o que fazia, isso era totalmente visível. Claro que todo trabalho tem seus problemas e dificuldades, para ele não era diferente, mas encarava tudo com serenidade. Inclusive o fato de morar no batalhão durante a semana enquanto sua esposa e enteada (que ele amava e tratava como uma filha) continuavam em Resende, no apartamento que inicialmente alugaram e depois compraram em Campos Elíseos.

E a vida continuava nos atropelando.

O William estava cada vez mais atarefado, com mais responsabilidades. A correria de ir e voltar para o Rio, além do pouco tempo que tinha para passar em casa, fez com que nosso contato pessoal fosse diminuindo mais e mais. Porém, isso não me preocupava tanto, como já disse, nossa amizade não dependia de nada para existir e sempre estaríamos lá, ao alcance de um telefonema ou mensagem. Tínhamos todo o tempo do mundo para combinar algo... Ou talvez não.



Um Breve Adeus

A vida e sua correria fizeram com que passássemos cada vez menos tempo juntos. Logo, ele estava fazendo outros cursos, ocupado em outras atividades, de serviço ou cansado demais para se animar a fazer alguma coisa. E o tempo passou. Quando me mudei, convidei-os para conhecerem a casa nova. Por alguma razão a Tatiana não pôde ir, mas como insisti muito o William acabou indo sozinho, conheceu o lugar e jantou conosco. Deu os parabéns pela casa e se mostrou realmente feliz por nós. Foi uma noite agradável da qual me recordo com carinho.

E a vida continuou. Por diversas vezes tentei combinar alguma coisa com ele e sua família. Nunca dava certo. Mantínhamos contato frequente pelo *WhatsApp*, às vezes um de nós ligava para o outro, apenas para bater papo ou para tirar dúvidas sobre alguma coisa.

— Estou ligando porque alguém tem que fazer a sua parte para manter essa amizade! — Ele disse uma vez e, daí por diante, diríamos sempre isso ao outro quando ligássemos por qualquer motivo.

Acho que esse é o lado ruim da tecnologia, nos aproxima, mas nos mantém muito longe. Talvez por nos falarmos com frequência por meios digitais, não sentíamos que estávamos afastados fisicamente por tanto tempo. A tecno-

logia cria uma ilusão de proximidade enquanto constrói abismos e trincheiras entre as pessoas. Ainda que morando na mesma cidade, embora ele viesse somente aos fins de semana, acabamos nos distanciando.

Falando sinceramente não me recordo qual foi a última vez que nos reunimos para fazer algo. Não posso afirmar que foi naquela visita após minha mudança dois anos antes, mas penso que sim. E essa dúvida tem me consumido mais e mais desde que ele partiu. Parece tão estúpido pensar que isso possa ter acontecido, tanto tempo, morando há apenas alguns minutos... Hoje me arrependo de não ter feito como antigamente e simplesmente aparecer, impor a minha presença, mesmo que sendo inconveniente, pois agora compreendo que é melhor ser inconveniente do que ausente.

Não que eu me sinta culpado pelo distanciamento físico, pois lembro de ter ligado várias vezes, proposto de irmos a algum lugar, ou só nos encontrarmos mesmo em casa para uma pizza, mas ele nunca podia. Cada vez que lembro disso, me entristeço. Seja lá qual tenha sido nosso último encontro, já fazia muito tempo, muito mais do que poderíamos perceber. Muito mais do que eu gostaria.

Cerca de duas semanas antes de seu fatídico acidente, falei com ele pelo telefone e pedi que me fizesse um favor, pois precisava apostilar uns documentos, serviço unicamente realizado em cartórios do Rio de Janeiro, até então. Ele se prontificou a fazer na mesma hora. Enviei as coordenadas do cartório que seria mais conveniente para ele e

assim ficou tudo acertado. Passei em sua casa e deixei os papéis com sua esposa, pois ele ainda não havia retornado do Rio e eu iria viajar naquele mesmo dia.

Ao longo da semana, seguiram-se conversas, envios de piadas e vídeos engraçados pelo WhatsApp, como nos acostumáramos a fazer. Perguntei sobre os documentos algumas vezes, ele pedia desculpas, mas dizia que ainda não tivera tempo de ir até o cartório. A semana passou e ele não conseguiu fazer o combinado. Sendo bastante honesto, é óbvio que fiquei chateado com ele. Até cheguei a dizer que se ele não conseguisse que não tinha problema, mas era apenas para não o pressionar, pois eu precisava muito que aquilo fosse feito. Tinha explicado que precisaria dos documentos para a semana seguinte, que era importante, que se algo desse errado eu teria que esperar ao menos mais três meses para tentar de novo. Ele se desculpou, mas disse não ter conseguido tempo.

Eu até entendi e não falei nada, nem reclamei, pedi apenas que me trouxesse os papéis de volta, mas fiquei preocupado se conseguiria resolver isso por conta própria a tempo. Precisaria pegar os documentos com ele e viajar na quarta-feira, pois era feriado na terça e eu não sabia se os cartórios emendariam na segunda-feira. Na quinta-feira, sem falta, eu precisaria estar com os documentos apostilados em Volta Redonda. Não havia tempo para errar mais. Ele ainda se ofereceu para ficar com os papéis na semana seguinte e fazer o que eu precisava, mas o prazo não me permitiria esperar até o próximo fim de semana. Falei que

não daria e pedi que me devolvesse a papelada.

No domingo à tarde, dia 13 de novembro de 2016, fui até seu apartamento pegar meus documentos. Estava acompanhado de meu cunhado, que viera nos visitar no feriado prolongado. Combinamos um horário aproximado para eu passar lá, mas quando cheguei ele estava dormindo. Liguei e disse que estava ali. Subi até seu apartamento e fui recebido por um sorriso sonolento do meu amigo que fazia sei lá quantos meses, ou anos, eu não via. Porém, a impressão não era essa, era como se nos víssemos todos os dias, devido aos motivos anteriormente relatados.

Apertei sua mão, dei-lhe um rápido abraço, peguei o que fora buscar e não demorei. Disse para ele voltar a dormir porque eu tinha muitas coisas para resolver. A verdade é que eu estava um pouco chateado, pois teria que enfrentar uma verdadeira maratona de ida e volta ao Rio para fazer o que havia pedido. Contudo, mesmo chateado, eu estava feliz em vê-lo. Logo estaria tudo resolvido e esquecido e as coisas voltariam ao normal. Nunca brigamos ou nos desentendemos em todos esses anos e não era uma coisa besta dessas que abalaria nossa amizade. Embora eu estivesse meio puto, tinha plena consciência disso. Cumprimentei-o brevemente e cobreí que me ligasse para combinarmos algo.

Não haveria mais tempo para isso.

Ao longo daquela semana, mal nos falamos. Estava com visitas, cheio de coisas para fazer e com a cabeça em tudo o que eu precisava resolver. Ele me enviou alguns ví-

deos e piadas e eu, atarefado, me limitei a rir ou dar respostas curtas. Além de tudo, ainda não estava muito no clima para brincadeiras. Tudo que eu pensava era na viagem chata e desnecessária que precisaria fazer. Na quarta-feira, fui ao Rio, resolvi o que precisava e voltei. Quinta estava em Volta Redonda, sexta respondi a ele brevemente algumas piadas. Contudo, naquela última semana não puxamos nenhum assunto. Meu último contato com ele foi alguma piada estúpida da qual eu sequer me recordo.

No sábado, depois de um dia cansativo, recebi uma ligação de meu pai, por volta de nove horas da noite:

– Rodrigo, um helicóptero da PM caiu no Rio de Janeiro e morreram todos os tripulantes, estou tentando falar com o William e não consigo! – Ele estava preocupado.

– E o que você quer que eu faça? – Respondi sem pensar muito.

– Sei lá, tenta ligar para ele, saber se está bem.

– Que ligar para ele, o quê? Deixa o cara em paz!

– Estava convicto de que ele tinha voltado para Resende e jamais cogitei que ele estivesse no helicóptero.

Meu pai desligou o telefone. Repentinamente me bateu uma dúvida. Mandeí uma mensagem no *WhatsApp* dele: “Fala”. Limitei-me a escrever. A mensagem não foi recebida. Isso não era normal. Tentei ligar. Caixa postal. Meu coração acelerou. Liguei para a Tatiana, mas ela não atendeu. Senti que algo estava errado. Resolvi ligar para o Luiz, pai do William.

Todas as vezes que ligo para o senhor Luiz, costume

falar algo do tipo: — E aí, *pandeguíssimo*, tudo bem? — Pois desde moleques ele nos chamava de pândegos (pessoas alegres, divertidas, engraçadas, bobos-alegres) e eu sempre disse que ele era o pândego-Mor, ou *pandeguíssimo*. Dessa vez não arrisquei.

— Alô.

— Boa noite, seu Luiz, está tudo bem? — Perguntei, apreensivo.

— Está tudo bem nada, tudo bem nada... — Foi a resposta que recebi.

Meu coração parou por um instante. Suas palavras me atingiram de modo inesperado. Minha voz embargou. Confirmei com ele se o que eu temia era verdade, se ele tinha certeza, se não estaria enganado, mas, infelizmente ele tinha certeza. Corri para acompanhar as notícias. Os nomes dos tripulantes não estavam em nenhum lugar, até que um canal de Tv informou e, entre os policiais falecidos, estava o Capitão William de Freitas Schorcht, o piloto do helicóptero. A realidade me bateu em cheio e o choro veio. Meu coração se apertou. Senti como se algo o esmagasse. Não podia ser verdade. Mas era.

Custou até que a ficha caísse, na verdade acho que ainda não caiu direito até hoje. Entre lágrimas e sem saber muito bem como proceder, resolvi sair de casa e fazer qualquer coisa, nem que fosse apenas demonstrar apoio àquelles que haviam perdido seu filho, irmão, marido... Saí com minha esposa, minha mãe, e meu irmão. Dirigi até a casa dos pais do William para saber mais detalhes e estender

a eles o conforto de que eu mesmo necessitava. “Isso não é possível, não está acontecendo.”, repetia uma voz constantemente em minha cabeça. Contudo, por mais que eu tentasse me convencer de que estava sonhando, aquela era a dura realidade.

Enquanto dirigia, relembrava nossas histórias, nossos momentos juntos, nossas zoeiras. Uma parte considerável e significativa da minha história havia caído junto daquele helicóptero. Um sentimento de egoísmo me dominou. “Com quem vou me reunir e lembrar as coisas do passado, agora?”, eu ficava me perguntando. Tudo era apenas desespero e descrença de que aquilo pudesse mesmo estar acontecendo.

Na casa de sua família havia várias pessoas, entre parentes e amigos, mas seus pais e irmã não estavam lá. Seguimos para o apartamento do William, para onde tinham ido. Minha mente estava em turbilhão, os pensamentos à mil, o choro engasgado na garganta, uma dor incompreensível. Dirigi pela cidade escura e vazia, e eu também estava vazio por dentro, a mente tentando fugir dos fatos.

Assim que entramos no apartamento, a mãe do William veio até nós e nos abraçamos.

– A senhora perdeu um filho, e eu perdi um irmão. Sinto muito! – Foi tudo o que consegui dizer naquele momento.

Abracei a Stephanie, a Tatiane e logo em seguida o Luiz. Conversamos um pouco, mas devo admitir que não me lembro de quase nada, pois minha cabeça estava em ou-

tro lugar. Sua irmã tentava tratar de assuntos referentes ao velório e ao enterro, os outros amigos e parentes que ali estavam choravam e lamentavam o ocorrido. Era tudo surreal demais e eu esperava, a todo instante, acordar e descobrir que aquilo era um pesadelo bizarro. Mas não era.

Devido às circunstâncias de sua morte, a liberação do corpo demorou bastante. Estávamos muito apreensivos, pois as horas passavam e não conseguíamos maiores informações. No dia seguinte, domingo, finalmente houve a informação de que uma comitiva estava se dirigindo à Resende. Eu estava lá, quando o carro da funerária estacionou na Igreja. Ajudei a retirar o caixão e a carregá-lo até o local do velório dentro da Capela. Meu coração doeu novamente. De todas as coisas na minha vida que eu me imaginei fazendo, carregar o caixão do meu melhor amigo, com apenas trinta e sete anos, para seu velório, definitivamente não era uma delas.

Também por causa das circunstâncias do acidente, houve a necessidade de se realizar o velório com o caixão fechado. Isso me tocou mais profundamente do que eu poderia imaginar. Despedir-me de meu melhor amigo sem sequer poder olhar para ele uma última vez foi doloroso demais.

A capela estava completamente lotada, todo o salão sacramental, salão cultural, corredores e até do lado de fora, estava tudo tomado. Muitos parentes, amigos e até autoridades locais estavam presentes para uma última homenagem a um dos integrantes de uma tragédia que re-

percutiu em todo o país, informada em todos os veículos de comunicação televisiva, virtual e impressa. Os jornais tratavam da morte do Capitão William de Freitas Schorcht e seus companheiros, mas para mim se tratava da morte de um cara que participava da minha vida há tanto tempo e que eu imaginava que sempre estaria lá.

O clima era de total consternação e descrédito. Após um breve serviço fúnebre, partimos para o cemitério onde ele recebeu as honras militares como um herói que foi. Todos acompanharam em silêncio seu sepultamento e despediram-se dele com uma emocionada salva de palmas. Ali, seu corpo mortal repousará até que chegue o dia em que esse breve adeus se torne um emocionado reencontro. Esse é o consolo que me resta e o que me conforta nos dias de hoje.

Num daqueles caprichos e coincidências da vida, percebi, dias depois, que em um domingo, no final do ano de 1996, vi pela primeira vez aquele que viria a ser o meu melhor amigo e num domingo, exatos vinte anos depois, no final do ano de 2016 eu o veria brevemente pela última vez nesta vida.

E desta história, que se iniciou com dois amigos, restaram as lembranças, a saudade, as lágrimas e a dor de um deles.

Descanse em paz, William, te amo, meu amigo, meu irmão, nos vemos por aí!





Apêndice 1

Cerca de um mês e meio após esses acontecimentos, eu estava cantarolando uma música que compus há vários anos e, de repente, me dei conta de que ela parecia ter relação com meu querido amigo, William Schorcht. De algum modo, tantos anos depois, a letra ganhou outro significado para mim, tornou-se algo muito mais profundo e, por isso, a compartilho aqui:

Implacable Battle

When the dark arrives with shadows
The warrior remembers, she will always be there
During battles and hard combats
The winner can know his lady will always wait

Try to stay alive to see her again
Try to stay awake to dream about her
Maybe someday you will delight another good day

He has a motive to want to return
He has a boy to see grow up and learn about life
Unfair war caused by greed man
He has no fault on it and is obliged to fight

Go ahead dear Victor and never give up
Was wrote in the letter that he received
Stay alive and one day we will be together again

Oooohhh oooohhh
Cold days, sad days, ever and ever again
Oooohhh oooohhh
He waits, he stays on the front line as a target
Oooohhh oooohhh
He prays, he hopes to see his loved family again
Oooohhh oooohhh
The enemy, implacable, still attacking and kill anyone

In the end, he was carried by his best friend
Loosing blood through the wound on his chest
Is the end of the line to a brave soldier of the group

Oooohhh oooohhh
Cold days, sad days, ever and ever again
Oooohhh oooohhh
He waits, he stays on the front line as a target
Oooohhh oooohhh
He prays, he hopes to see his loved family again
Oooohhh oooohhh
The enemy, implacable, still attacking and kill anyone

Tradução:
Batalha Implacável

Quando o escuro chega com sombras
O guerreiro se lembra que ela sempre estará lá
Durante batalhas e duros combates
O vencedor pode saber que sua dama sempre esperará

Tente permanecer vivo para vê-la novamente
Tente permanecer acordado para sonhar com ela
Talvez algum dia você gozará outros dias bons
Ele tem um motivo para querer retornar
Ele tem um garoto para ver crescer e aprender sobre a vida
Guerra injusta causada por homens ambiciosos
Ele não tem culpa nisso e é obrigado a lutar

Vá adiante querido Vitor e nunca desista
Estava escrito na carta que ele recebeu
Permaneça vivo e um dia nós estaremos juntos novamente

Oooohhh oooohhh
Dias frios, dias tristes, sempre e sempre
Oooohhh oooohhh
Ele espera, ele permanece na linha de frente como um alvo
Oooohhh oooohhh
Ele ora, ele espera ver sua amada família novamente
Oooohhh oooohhh
O inimigo, implacável, ainda ataca e mata a qualquer um

No final ele foi carregado por seu melhor amigo
Perdendo sangue pela ferida aberta em seu peito
É o fim da linha para um bravo soldado do grupamento

Oooohhh oooohhh

Dias frios, dias tristes, sempre e sempre

Oooohhh oooohhh

Ele espera, ele permanece na linha de frente como um alvo

Oooohhh oooohhh

Ele ora, ele espera ver sua amada família novamente

Oooohhh oooohhh

O inimigo, implacável, ainda ataca e mata a qualquer um



Apêndice 2

Acredito que havia se passado um ano e pouco desde o falecimento de meu querido amigo quando, certo dia, resolvi ir até a casa de minha mãe e fazer uma limpa em diversas coisas antigas e inúteis que eu deixara lá quando me mudei. Dentre inúmeras porcarias que eu não sei porque não tinha jogado fora antes, havia um fichário onde eu guardava as letras impressas de várias músicas.

Quando a internet discada surgiu, não era simples usá-la do modo como fazemos hoje. Nós pagávamos um pacote de dados que era pequeno e muito caro. Além disso, por usar a linha telefônica, pagávamos também o custo de uma ligação local. Essas dificuldades de preço e tecnologia nos impediam de acessar a internet a hora que quiséssemos pelo tempo que desejássemos, como ocorre atualmente, então eu procurava as letras das músicas que queria (de modo muito mais difícil e escasso que hoje) e as imprimia para poder consultá-las no momento que quisesse. Sim, eram outros tempos.

Enfim, o fato é que eu peguei esse fichário, olhei algumas músicas e lembrei de várias que eu sequer ouvia há bastante tempo. Num impulso, peguei tudo e enfiei numa sacola de lixo. Contudo, algo me fez pensar no fichário enquanto descartava outras coisa. Resolvi que seria

melhor pegá-lo e analisá-lo com um pouco mais de atenção, não faço ideia do porquê.

O fato é que, mesmo sem compreender o motivo daquele sentimento, retirei o objeto do lixo e comecei a folheá-lo, passando letra por letra. No final, havia algumas folhas com músicas que eu havia escrito à mão. Passei por todas, até que cheguei na última folha escrita e a virei. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Eu não me recordava de que aquilo estivesse ali, na verdade, imagino que nunca sequer tenha visto e não sei porque aquilo estava ali. Escrita, no verso da última música compilada, estava uma lista com o nome de quatro músicas. As três primeiras eu logo reconheci pelo nome, mas a última eu fiquei na dúvida. Peguei o celular, entrei no *Youtube* e digitei o nome da música. *You Gotta Be*. O primeiro video clip que apareceu era da cantora Des'ree. Eu logo a reconheci. Dei *play* no video e meus olhos se encheram novamente de lágrimas.

Aquela lista de 4 músicas estava escrita com a caligrafia de meu amado amigo, que havia deixado esta Terra de forma tão precoce e violenta. Ouvindo a música e prestando atenção na letra, parecia que meu irmão me mandava uma mensagem, dizendo que deveríamos ser fortes, seguindo os versos da canção:

Você tem que ser...

Você tem que ser mau, você tem que ser corajoso

Você tem que ser mais sábio

Você tem que ser duro, você tem que ser resistente

Meu Amigo William

*Você tem que ser mais forte do que tem sido
Você tem que ser legal, você tem que ser calmo
Você tem que manter a cabeça no lugar*

Compartilhei isso com minha família, com a família do William e com sua esposa. Foi uma experiência muito especial. Relutei em acrescentar esse fato neste livro, mas no fim percebi que poderia ser inspirador:

Que todos possamos acreditar que haja algo mais reservado para cada um de nós do que a última pá de terra jogada sobre o caixão!

